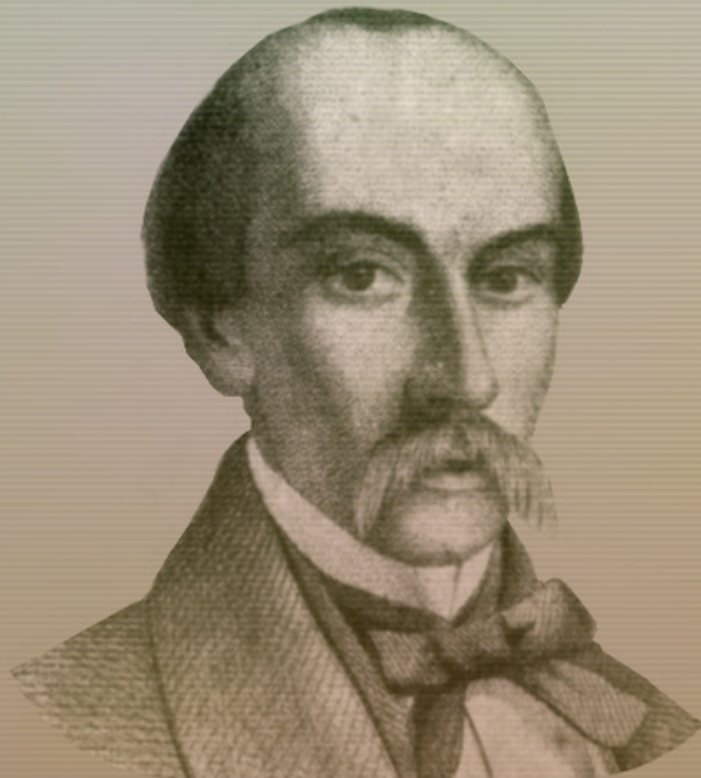


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Soares de Passos
Poesias



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Soares de Passos

Poesias

Publicado originalmente em 1870.

**Antônio Augusto Soares de Passos
(1826 – 1860) foi um**

“Projeto Livro Livre”

Livro 475



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Soares de Passos: “*Poesias*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Antônio Augusto Soares de Passos nasceu no Porto, em 1826, de família burguesa, que o obrigou a trabalhar no balcão do armazém paterno enquanto fazia seus estudos.

Em 1849, porém, alcança do pai que o deixe ir para Coimbra, onde se matricula em Direito e se entrega à vida literária, de que resulta a fundação de *O Novo Trovador* (1851), órgão de poetas medievalistas.

Em pouco tempo, a tuberculose se lhe declara, mas não o impede de publicar suas *Poesias* (1855), depois de haver regressado ao Porto em busca de ocupação compatível com seu estado e seu talento.

Desanimado, tranca-se meses a fio, rebelde a todo convívio humano, até que falece, prematuramente, em 1860.

Apenas deixou o livro de poemas publicado em vida, e alguns inéditos que foram apensados à 9 edição de *Poesias*, organizada por Teófilo Braga, em 1910.

Referência bibliográfica:

Massaud Moisés: "A Literatura Portuguesa através dos textos". 22ª edição, revista e atualizada. Editora Culturix. São Paulo, 1997.

ÍNDICE

A CAMÕES	1
O OUTONO	4
O NOIVADO DO SEPULCRO	6
DESEJO	9
BOABDIL	10
CANÇÃO	12
A PÁTRIA	13
ROSA BRANCA	16
ENFADO	19
ANELOS	20
O FILHO MORTO	22
SÓCRATES	23
O GÓLGOTA	25
A***	26
ÚLTIMOS MOMENTOS DE ALBUQUERQUE	27
A TI	31
INFÂNCIA E MORTE	32
O CANTO DO LIVRE	33
SAUDADE	35
AMOR E ETERNIDADE	36
O ESCRAVO	37
O ANJO DA HUMANIDADE	41
PARTIDA	45
CANTO DE PRIMAVERA	46
CATÃO	48
AMO-TE	53
IMITAÇÃO DO ISLANDÊS	54
LIBERDADE	54
ESPERANÇA	57
À MORTE DO MEU AMIGO LICÍNIO F. C. DE CARVALHO.....	59
O MENDIGO	62
A VIDA	63
UM SONHO	68
DESENGANO	72
AGAR	73
MARIA, A CEIFEIRA	76
A MONJA	78
O FIRMAMENTO	78
TRISTEZA	82
A MÃE E A FILHA	83
IDADE MÉDIA	84

NUM ÁLBUM	86
O MOSTEIRO DA BATALHA	86
DESALENTO	91
NUM ÁLBUM	93
CONSOLAÇÃO	93
O BUÇACO	95
A FONTE DOS AMORES	98
A UM TEATRO ACADÊMICO	99
NUM ÁLBUM	100
NO ÁLBUM DO DR. MANUEL TEIXEIRA PINTO.....	100
JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO	101
À MORTE DE HELIODORO AUGUSTO DE SOUSA	101
VISÃO DO RESGATE	105
O ARCANJO DO CRISTIANISMO.....	113
O ARCANJO DA LIBERDADE.....	115
AO PORTO	118
VERSÕES DE H. HEINE	123
VERSÕES D'OSSIAN: AO SOL	125
COLMA	126

A CAMÕES

Ai do que a sorte assinalou no berço
Inspirado cantor, rei da harmonia!
Ai do que Deus às gerações envia
Dizendo – vai, padece, é teu fadário;
Como um astro brilhante o mundo o admira,
Mas não vê que essa chama abrasadora
Que o cerca d'esplendor, também devora
Seu peito solitário.

Pairar nos céus em alteroso adejo,
Buscando amor, e vida, e luz, e glórias;
E ver passar, quais sombras ilusórias,
Essas imagens de fulgor divino:
Tais são vossos destinos, ó poetas,
Almas de fogo, que um vil mundo encerra;
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra
Teu mísero destino.

A cruz levaste desde o berço à campa:
Esgotaste a amargura até às fezes:
Parece que a fortuna em seus revezes
Te mediu pelo gênio a desventura.
Combateste com ela como o cedro
Que provoca o rancor da tempestade,
Mas cuja inabalável majestade
Lhe resiste segura.

Foste grande na dor como na lira!
Quem soube mais sofrer, quem sofreu tanto?
Um anjo viste de celeste encanto,
E aos pés caíste da visão querida...
Engano! foi um astro passageiro,
Foi uma flor de perfumado alento
Que ao longe te sorriu, mas que sedento
Jamais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito
Do peito ansioso sufocaste a chama,
E foste ao longe procurar a fama,
Talvez, quem sabe? procurar a morte.
Mas, qual onda que o naufrago arremessa
Sobre inóspita praia sem guarida,

A morte crua te arrojou a vida,
E as injúrias da sorte.

De praia em praia divagando incerto
Tuas desditas ensinaste ao mundo:
A terra, os homens, 'té o mar profundo
Conspirados achavas em teu dano.
Ave canora em solidão gemendo,
Tiveste o gênio por algoz ferino:
Teu alento imortal era divino,
Perdeste em ser humano:

Índicos vales, solidões do Ganges,
E tu, ó gruta de Macau, sombria,
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia
Desses hinos que o tempo não consome.
Foi lá, nessa rocha solitária,
Que o vate desterrado e perseguido,
À pátria, ingrata, que lhe dera o olvido,
Deu eterno renome.

“Cantemos!” disse, e triunfou da sorte.
“Cantemos!” disse, e recordando glórias,
Sobre o mesmo teatro das vitórias,
Bardo guerreiro, levantou seus hinos.
Os desastres da pátria, a sua queda,
Temendo já no meditar profundo,
Quis dar-lhe a voz do cisne moribundo
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Inês triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Ensinando o que pode o sentimento
Quando um seio que amou d'amores canta:
No brado heróico da guerreira tuba
O valor português soa tremendo,
E o fero Adamastor com gesto horrendo
Inda hoje o mundo espanta!

Mas ai! a pátria não lhe ouvia o canto!
Da pátria e do cantor findava a sorte:
Aos dois juraram perdição e morte,
E os dois juntaram na mansão funérea...
Ingratos! ao que, alçando a voz do gênio

Além dos astros nos erguera um sólio,
Decretaram por louro e capitólio
O leito da miséria!

Ninguém o pranto lhe enxugou piedoso...
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:
“Dai esmola a Camões, dai-lhe um abrigo!”
Dizia o triste a mendigar confuso!
Homero, Ovídio, Tasso, estranhos cisnes,
Vós, que sorvestes do infortúnio a taça,
Vinde depor as c'roas da desgraça
Aos pés do cisne luso!

Mas não tardava o derradeiro instante...
O raio ardente, que fulmina a rocha,
Também a flor que nela desabrocha,
Cresta, passando, c' oas etéreas lavas!
Que cena! enquanto ao longe a pátria exangue
Aos alfanjes mouriscos dava o peito,
De mísero hospital num pobre leito,
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me dera desse leito à beira
Sondar teu grande espírito nessa hora,
Por saber, quando a mágoa nos devora,
Que dor pode conter um peito humano;
Palpar teu seio, e nesse estreito espaço
Sentir a imensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento,
Nas ondas do Oceano!

O amor da pátria, a ingratidão dos homens,
Natércia, a glória, as ilusões passadas,
Entre as sombras da morte debuxadas,
Em teu pálido rosto já pendido;
E a pátria, oh! e a pátria que exaltaras
Nessas canções d'inspiração profunda,
Exalando contigo moribunda
Seu último gemido!

Expirou! como o nauta destemido,
Vendo a procela que o navio alaga,
E ouvindo em roda no bramir da vaga
D'horrenda morte o funeral presságio,

Aos entes corre que adorou na vida,
Em seguro baixel os pões a nado,
E esquecido de si morre abraçado
Aos restos do naufrágio:

Assim, da pátria que baixava à tumba,
Em cantos imortais salvando a pátria,
E entregando-a dos tempos à memória,
Como em gigante pedestal segura:
“Pátria querida, morreremos juntos!”
Murmurou em acento funerário,
E envolvido da pátria no sudário
Baixou à sepultura.

Quebrando a lousa do feral jazigo,
Portugal ressurgiu, vingando a afronta,
E inda hoje ao mundo sua glória aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado;
Mas do vate imortal as frias cinzas
Esquecidas deixou na sepultura,
E o estrangeiro que passa, em vão procura
Seu túmulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscrição ligeira
Recorda o grã cantor... porém calemos!
Silêncio! do imortal não profanemos
Com tributos mortais a alta memória.
Camões, grande Camões; foste poeta!
Eu sei que tua sombra nos perdoa:
Que valem mausoléus antes a coroa
De tua eterna glória?

O OUTONO

Eis já do lívido outono
Pesa o manto nas florestas;
Cessaram as brandas festas
De natureza louçã.
Tudo aguarda o frio inverno;
Já não há cantos suaves
Do montanhês e das aves,
Saudando a luz da manhã.

Tudo é triste! os verdes montes
Vão perdendo os seus matizes,
As veigas e os dons felizes,
Tesouro dos seus casais;
Dos crestados arvoredos
A folha seca e mirrada,
Cai ao sopro da rajada,
Que anuncia os vendavais.

Tudo é triste! e o seio triste
Comprime-se a este aspecto;
Não sei que pesar secreto
Nos enluta o coração.
É que nos lembra o passado
Cheio de viço e frescura,
E o presente sem verdura
Como a folhagem do chão.

Lembra-nos cada esperança
Pelo tempo emurchecida,
Mil áureos sonhos da vida
Desfeitos, murchos também;
Lembram-nos crenças fagueiras
Da inocência doutra idade,
Mortas à luz da verdade,
Criadas por nossa mãe.

Lembram-nos doces tesouros
Que tivemos, e não temos;
Os amigos que perdemos,
A alegria que passou;
Lembram-nos dias da infância,
Lembram-nos ternos amores,
Lembram-nos todas as flores
Que o tempo à vida arrancou.

E depois assoma o inverno.
Que lembra o gelo da morte,
Das amarguras da sorte
Última gota fatal...
É por isso que estes dias
Da natureza cadente,
Brilham n'alma tristemente
Como um círio funeral.

Mas ânimo! após a quadra
De nuvens e de tristeza,
Despe o luto a natureza,
Revive cheia de luz:
Após o inverno sombrio
Vem a flórea primavera,
Que novos encantos gera,
Nova alegria produz.

Os arvoredos despídos
Se revestem de folhagem;
Ao sopro da branda aragem
Rebenta no campo a flor:
Tudo ao vê-la se engrinalda,
Tudo se cobre de relva,
E as avezinhas na selva
Lhe cantam hinos d'amor.

Ânimo pois! como à terra,
Também à nua existência
Vem, após a decadência,
Às vezes tempo feliz;
E a vida gelada, estéril,
Que o sopro da morte abala,
Desperta cheia de gala,
Cheia de novo matiz.

Ânimo pois! e se acaso
Nosso destino inclemente,
Em vez de jardim florente,
Nos aponta o mausoléu;
Se a primavera do mundo
Já morreu, já não se alcança,
Tenhamos inda esperança
Na primavera do Céu!

O NOIVADO DO SEPULCRO

BALADA

Vai alta a lua! na mansão da morte
Já meia-noite com vagar soou;
Que paz tranquila; dos vaivens da sorte

Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranquila!... mas eis longe, ao longe
Funérea campa com fragor rangeu;
Branco fantasma semelhante a um monge,
D'entre os sepulcros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cipreste,
O mocho pia na marmórea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se!... com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguém...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto duma cruz alçada,
Que entre ciprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se e com a voz magoada
Os ecos tristes acordou assim:

“Mulher formosa, que adorei na vida,
“E que na tumba não cessei d'amar,
“Por que atraíças, desleal, mentida,
“O amor eterno que te ouvi jurar?

“Amor! engano que na campa finda,
“Que a morte despe da ilusão falaz:
“Quem d'entre os vivos se lembrara ainda
“Do pobre morto que na terra jaz?

“Abandonado neste chão repousa
“Há já três dias, e não vens aqui...
“Ai, quão pesada me tem sido a lousa
“Sobre este peito que bateu por ti!

“Ai, quão pesada me tem sido!” e em meio,
A fronte exausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

“Talvez que rindo dos protestos nossos,
“Gozes com outro d'infernal prazer;

“E o olvido cobrirá meus ossos
“Na fria terra sem vingança ter!

– “Oh nunca, nunca!” de saudade infinda
Responde um eco suspirando além...
– “Oh nunca, nunca!” repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as formas divinas, airoasas,
Longas roupagens de nevada cor;
Singela c'roa de virgínias rosas
Lhe cerca a fronte dum mortal palor.

“Não, não perdeste meu amor jurado:
“Vês este peito? reina a morte aqui...
“É já sem forças, ai de mim, gelado,
“Mas inda pulsa com amor por ti.

“Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
“Da sepultura, sucumbindo à dor:
“Deixei a vida... que importava o mundo,
“O mundo em trevas sem a luz do amor?

“Saudosa ao longe vês no céu a lua?
– “Oh vejo sim... recordação fatal!
– “Foi à luz dela que jurei ser tua
“Durante a vida, e na mansão final.

“Oh vem! se nunca te cingi ao peito,
“Hoje o sepulcro nos reúne enfim...
“Quero o repouso de teu frio leito,
“Quero-te unido para sempre a mim!”

E ao som dos pios do cantor funéreo,
E à luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulcral mistério
Foi celebrada, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já desse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido

Das sepulturas o gelado pó,
Dois esqueletos, um ao outro unido,
Foram achados num sepulcro só.

DESEJO

Oh! quem nos teus braços pudera ditoso
No mundo viver,
Do mundo esquecido no lânguido gozo
D'infundo prazer.

Sentir os teus olhos serenos, em calma,
Falando d'além,
D'além! duma vida que sonha minha alma,
Que a terra não tem.

Eu dera este mundo, com tudo o que encerra
Por tal galardão:
Tesouros, e glórias, os tronos da terra,
Que valem, que são?

A sede que eu tenho não morre apagada
Com tal aridez:
Pudesse eu ganhá-los, e iria seu nada
Depor a teus pés.

E só desejando mais doce vitória,
Dizer-te: eis aqui
Meu cetro e ciência, tesouros e glória:
Ganhei-os por ti.

A vida, essa mesma daria contente,
Sem pena, sem dor,
Se um dia embalasses, um dia somente,
Meu sonho d'amor.

Isenta do laço que ao mundo nos prende,
A vida que vale?
A vida é só vida se o amor nela acende
Seu doce fanal.

Aos mundos que eu sonho pudesse eu contigo,
Voando, subir;

Depois que importava? depois no jazigo
Sorrira ao cair.

BOABDIL

ÚLTIMO REI MOURO DE GRANADA

De Granada nas torres já se ergue
O pendão de Castela temido;
Boabdil, o rei mouro vencido,
Deixa a terra em que há pouco reinou.
Do Padul às alturas chegado,
Fez parar o seu tímido bando,
E o corcel andaluz volteando
Tais adeuses à pátria mandou:

“Ai, Granada, lá ficas entregue
“Para sempre aos guerreiros de Cristo!
“Quem teus fados houvera previsto,
“ó sultana de tanto poder?
“Acabou-se o domínio dos crentes
“Neste solo tão belo de Espanha;
“Não há força de heróica façanha
“Que nos possa da ruína erguer:

“De Toledo, de Córdoba, e Murcia,
“De Jaên, de Baêza, e Sevilha,
“Eras tu, ó gentil maravilha,
“Que inda as glórias fazias lembrar.
“E perdemos-te, ó flor do Ocidente.
“Do Xenil, ó princesa formosa!
“E curvamos a frente orgulhosa
“Nós, os filhos valentes d'Agar!

“Deus o quis! nossa raça punindo
“Fez baixar o seu anjo da morte,
“E das iras d'Alá no transporte
“Baqueou nossa altiva nação!
“Nossos ódios civis nos perderam,
“Neste abismo fatal nos lançaram,
“E nem mesmo o valor nos deixaram
“De morrermos com nosso pendão.

“Ó guerreiros das eras passadas,

“Vencedores da Espanha descrida,
“Lá nesse Éden feliz da outra vida
“Vossas faces cobri de rubor!
“Este braço, que ousou vossos louros
“Arrastar ante os pés de Fernando,
“Não ousou neste peito nefando
“Embeber um punhal vingador!

“Desonrado, do trono banido,
“Que me resta por sorte futura?
“Uma vida cobarde e obscura
“No país em que outrora fui rei...
“Nunca, nunca! o destino contrário
“D'além-mar nosso berço me aponta:
“Lá irei resgatar-me da afronta,
“Lá dos bravos a morte haverei.

“Para sempre adeus pois, ó Granada!
“Adeus, muros, e torres vermelhas,
“Que brilhais como vivas centelhas
“Nas verduras de tanto jardim!
“Adeus, paços e fontes d'Alhambra!
“Adeus, altas, soberbas mesquitas!
“E vós, tronos das luas proscritas,
“Ó Comares, ó forte Albaicim!

“Para sempre, ai, adeus! té à morte
“Viverás neste peito, ó Granada!
“Mas de balde, ó mansão adorada,
“Que estes olhos jamais te hão de ver...
“Acabou-se o domínio dos crentes
“Neste solo tão belo de Espanha;
“Não há força de heróica façanha
“Que nos possa das ruínas erguer.”

Disse, e o pranto nas faces corria
Do rei mouro, dos seus que restavam.
Longe, ao longe as trombetas soavam
Em Granada já feita cristã:
Era o canto d'alegre triunfo
Em redor dos pendões de Fernando;
Era o grito d'Alá desterrando
Das Espanhas os crentes do Islã.

CANÇÃO

Que noite d'encanto!
Que lúcido manto!
Que noite! amo tanto!
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, ó donzela;
Não temas, ó bela,
Que a noite só vela
Quem sonha d'amor.

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita,
Serena a brilhar:
Assim o teu seio,
De casto receio,
De tímido enleio
Costuma pulsar.

A lua, qual chama,
Que os seios inflama,
Fanal de quem ama,
Desponta no céu;
E a nítida fronte
Retrata na fonte
E estende no monte
Seu cândido véu.

E a fonte murmura
Por entre a verdura,
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer:
Que sons, que folguedos!
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos
D'infundo prazer.

Silêncio! o trinado
Lá volta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor;
E o hino que entoa

No bosque ressoa
E ao longe revoa,
Gemendo d'amor.

O facho da lua
C'oa sombra flutua,
Avança e recua
No chão do jardim;
Nas asas da aragem,
Que agita a folhagem,
Recende a bafagem
Da rosa e jasmim.

Que noite d'encanto!
Que lúcido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, ó donzela;
Não temas, ó bela,
Que à noite só vela
Quem sonha d'amor.

À PÁTRIA

*Ao meu amigo A. C. Lousada
(1852)*

*Esta é a ditosa pátria minha amada.
CAMÕES – Lusíadas.*

“Esta é a ditosa pátria minha amada!”
Este o jardim de matizadas flores,
Onde os céus com a terra abençoada
Rivalizam nas galas e primores.

Este o país das tradições brilhantes,
Onde cresceu a palma da vitória,
Onde o mar conta às praias sussurrantes
Longínquos feitos d'extremada glória.

Esta a nação de laureada frente,
Esta a ditosa pátria minha amada!
Ditosa e grande quando foi potente,
Hoje abatida, sem poder, sem nada.

Pátria minha, que tens, que em desalento
Vergas a fronte que alterosa erguias!
Porque fitas o gélido moimento,
Perdida a força dos antigos dias?

Que fizeste do gênio destemido
Com que domavas esse mar profundo,
E sorrias das vagas ao rugido,
Ignotas praias descobrindo ao mundo?

Onde está esse vasto capitólio
De tuas glórias, o soberbo Oriente,
Lá onde erguida em triunfante sólio
Empunhavas teu cetro refulgente?

Então eras tu grande! os reis da terra
Derramavam-te aos pés os seus tesouros;
O mar, saudando teus pendões de guerra,
Gemia ao peso de teus verdes louros.

Então de lanças e d'heróis cercada,
Avassalando a Índia e a África ardente,
A cada golpe da valente espada
Mais uma palma te adornava a frente.

Então prostradas mil hostis falanges,
Retumbava o fragor de teus combates
Desde as praias de Ceuta além do Ganges
Fazendo estremecer o Nilo e Eufrates.

Então eras tu grande! hoje esquecida,
Um eco apenas do teu nome soa;
Nos braços da vitória adormecida,
Perdeste o cetro e a majestosa c'roa.

Os fortes pulsos entregaste aos laços
Da tirania e rude fanatismo,
E descaídos os potentes braços,
Caminhaste sem forças ao abismo.

Um livro apenas te ficou, ó triste,
Por epitáfio da passada glória;
Tudo o mais acabou, já nada existe

De tanto resplendor mais que a memória.

Das quinas os pendões já não revoam,
Águias altivas, sujeitando os mares;
Teus gritos de vitória, ai! já não soam
Na Líbia e nos gangéticos palmares.

Nações obscuras, quando o mundo inteiro
Já tua glória aprendido tinha,
Vendo apagado teu ardor guerreiro,
Arrancaram teu manto de rainha.

E repartindo entre elas seus pedaços,
E soltando depois feroz risada,
Disseram ao passar, cruzando os braços:
“Oh! como essa nação jaz aviltada!”

E teus heróis na tumba inquietos,
Vendo insultadas tuas altas glórias,
Agitaram seus frios esqueletos,
Despedaçando as lápides marmóreas.

E cada qual das pregas do sudário,
Erguendo a destra que empunhara a lança,
De pés sobre o jazigo funerário,
Com torva indignação bradou: vingança!

Debalde! ao verem sem valor as quinas,
Eles murmuram nas geladas campas:
Tu, quem sabe? ditosa te imaginas,
E em tua história mil baldões estampas.

Não que dormes do sepulcro à borda,
Ergue-te, surge como outrora ovante!
Teu gênio antigo, teu valor recorda,
E aprende nele a caminhar avante!

Se longos anos d'opressão funesta
Te pesaram na fronte hoje abatida,
No seio de teus filhos inda resta
Fogo bastante para dar-te vida.

Longe da senda que gerou teu dano,
Desata o vôo por espaços novos;

E o ardor que te levou além do oceano,
Além te levará dos outros povos.

Ah! possa, possa ainda a meiga aurora
Desse dia feliz brilhar-me pura!
Possa esta lira, que teus males chora,
Dar-te cantos de alegria e de ventura!

Mas ah! se negra página sombria
Tens de volver em teus cruéis fadários,
Se o arcanjo das ruínas há de um dia
Pairar sobre os teus restos solitários:

Terra da minha pátria ouve o meu brado,
Se inda da vida me restar alento,
Tu que foste meu berço idolatrado,
Sê minha tumba em meu final momento!

ROSA BRANCA

Eu amo a rosa branca das campinas,
A branca rosa, que ao soprar do vento
Lânguida verga para o chão pendida.

Como a rosa dos vales, pura e bela
Nos campos da existência ela floria,
Como a rosa dos vales que inda envolta
No orvalho da manhã, desdobra o cálice
Ao sol nascente, perfumando as auras.
A idade das paixões mal despontava
Em seu meigo horizonte. Estava ainda
No declinar da melindrosa infância,
Dessa quadra feliz em que a existência
E sonho encantador em que os momentos
Se deslizam na vida como as águas
De brando arroio, umedecendo os prados.
Mas quão formosas já, quão sedutoras,
Por entre as graças da mimosa infância,
As graças juvenis lhe transluziam!

Com as sócias da infância ao vê-la às tardes
Vagando em seu jardim, vós a disséreis
A açucena viçosa entre as boninas,

Ou, entre os lumes da sidérea noite,
A estrela da manhã. E, todavia,
Ignorava o poder de seus encantos:
No mundo que a cercava, outras imagens,
Outros amores não sonhava ainda,
Além de sua mãe que a idolatrava,
De seu pequeno irmão, de suas flores.

E eu amava aquele anjo como se amam
Os sonhos d'innocência doutra idade,
Ou como essas visões que nos enlevam,
De mundos d'harmonia a que aspiramos.

Vi-a uma vez ao descair da tarde,
No jardim assentada ao pé da fonte,
Olhando o tenro irmão; que em seu regaço
Depusera as boninas que ajuntara.
No regaço também, junto das flores,
Repousava, serena dormitando,
A pomba que ele amava, e que sem medo
Viera procurar tão doce ninho:
Nunca a meus olhos se mostrou tão bela,
Tão cheia d'innocência. D'alvas roupas
Suas formas angélicas cingidas,
Se desenhavam, em gentil contorno,
Nas verdes murtas que o jardim ornavam:
Parecia qual cisne repousando
Entre a verdura, do seu lago à beira.

Uma rosa nevada, como as roupas,
Lhe adornava as madeixas cor da noite,
As formosas madeixas que nessa hora
Contrastavam mais negras e mais belas,
C'oa leve palidez que refletia,
Em seu rosto adorável e sereno,
O clarão melancólico da tarde.
Com terna languidez a face meiga
Recostava na mão, curvado o braço,
Enquanto com a outra ora afagava
Sua pomba querida, ora os cabelos
Compunha ao doce infante, que, sorrindo,
Uma após outra lhe mostrava as flores.

Ao vê-la assim formosa, ao ver o grupo

Que fazia com ela um par mimoso,
A mente arrebatada figurou-ma
Celeste arcanjo que baixara ao mundo
A recolher as orações da tarde,
E que o infante e a pomba achando juntos,
E a inocência do céu vendo na terra
Dos irmãos se esquecera e ali ficara.

Arcanjo da inocência, ai fuge, fuge!
Não te iluda este mundo onde pousaste,
Este mundo falaz, de ti indigno,
Que tuas asas de brancura estreme
Com seu veneno talvez manche um dia.
Arcanjo d'inocência, ai fuge! fuge!
Procura teus irmãos, revoa à pátria!
E fugiu, e voou. No mesmo sítio,
Uma tarde também junto da fonte,
A mãe a foi achar sozinha e triste.
Em suas plantas uma rosa branca
Jazia desfolhada: era das flores
A flor que mais queria. Ao ver ao lado
A mãe que idolatrava, estremecera.
Pobre inocente! receou acaso
Não poder por mais tempo disfarçar-lhe
Seu cruel padecer. A ardente febre
Lhe devorava o seio, e não gemia.
Mas seu dia chegava... A exausta fronte
Lhe pendeu sem alento, e imersa em pranto,
No regaço da mãe sumiu a face,
Que já cobria a palidez da morte.
Três dias depois deste a flor mimosa
Que as grinaldas celestes invejavam,
Caía desfolhada no sepulcro.

Eu amo a rosa branca das campinas,
A branca rosa, que ao soprar do vento
Lânguida verga para o chão pendida.

ENFADO

Dos homens, ai quem me dera
Longe, bem longe viver!
Junto de mim só quisera,

Como eu sonho, um anjo ter.
Que esse anjo surgisse agora,
E o mundo folgasse embora
Em seu nefando prazer.

Que vista! cede a inocência
À voz do crime traidor;
Folga a devassa impudência,
Nas faces não há rubor.
Traz o vício a fronte erguida,
E a virtude, sem guarida,
Geme transida de dor.

Vão ao templo da cobiça,
Vão todos sacrificar:
Consciência, fé, justiça,
Tudo lhe deixam no altar.
Devora-os a sede d'ouro;
O seu deus é um tesouro,
Porque o viver é gozar.

E que importa que o infante
Morra à fome, e o ancião?
Que importa que gema errante
O proletário, sem pão?
Oh! que importa que o talento
Esmoreça ao desalento?
Que vale do gênio o condão?

Proclamou-se a lei do forte:
A lei do fraco é gemer.
Ai do triste a quem a sorte
Fez entre espinhos nascer!
É um dogma a tirania,
A liberdade heresia,
A servidão um dever.

Que tempos, que tempos estes!
Quem há de viver assim
No mundo que rasga as vestes
Do justo; no seu festim?
Quem há de? mas esperança!
Um dia foge; outro avança,
E a redenção vem no fim.

Hoje, porém, quem me dera
Longe dos homens viver!
Junto de mim só quisera,
Como eu sonho, um anjo ter.
Que esse anjo surgisse agora,
E o mundo folgasse embora
Em seu nefando prazer.

ANELOS

Que imenso vácuo neste peito sinto!
Que arfar eterno de revolto mar!
Que ardente fogo, que jamais extinto
Somente afrouxa para mais queimar!
Ai, esta sede que meu peito rala,
Talvez a apague mundanal prazer:
Ali ao menos poderei fartá-la,
Ou num letargo sem paixões viver.

Mas dessa taça já provei... não quero!
Quero deleites que inda não senti...
A luta, os riscos dum combate fero!
Talvez encantos acharei ali.

A luta, os riscos, em ação travadas
Guerreiras hostes disputando o chão;
O sangue em jorros, o tinir d'espadas,
O fogo e o fumo do voraz canhão!
Ali os gozos dum feroz delírio,
À luz das armas, sentirei em mim,
Ou numa delas o funéreo círio
Que à paz dos mortos me conduza enfim.

Mas não, não quero sobre a terra escrava
A vis tiranos imolar o irmão...
O mar, o mar, que em sua fúria brava
Ninguém domina com servil grilhão!

O mar, o mar! sobre escarcéus revoltos
Em frágil lenho flutuar me apraz,
Ao som das vagas e dos ventos soltos,
E das centelhas ao clarão fugaz.

Ali sorrindo da feroz tormenta,
E dos abismos que me abrir aos pés,
Dentro desta alma de prazer sedenta
Sublime gozo sentirei talvez.

Mas o mar livre tem um leito ainda
Que os meus anelos poderá suster...
O espaço, o espaço! na amplidão infinda
Talvez que possa o coração encher.

O espaço, o espaço! qual ligeiro vento
Irei lançar-me nesse mar sem fim,
E a longos tragos aspirar o alento,
Sentir a vida que desejo em mim...
Ora águia altiva, desprezando o solo,
O rei dos astros buscarei então
Ora entre as neves do gelado pólo
Voarei nas asas do veloz tufão.

Mas solitário, sem cessar errante,
De que valera na amplidão correr?...
A glória, a glória, que em painel brilhante
Me of'rece a imagem dum maior prazer!

A glória, a glória! mil troféus ganhados,
Mil verdes palmas e lauréis também;
Triunfos, c'roas e sonoros brados
Da turba – é ele! – repetindo além...
Então em sonhos duma vida infinda
Verei a chama d'imortal farol,
Que eu meu sepulcro resplandeça ainda,
Bem como a lua, quando é morto o sol.

Mas não, que a inveja com a voz mentida
A luz em sombras poderá tornar...
O amor, o amor, que redobrando a vida,
A vida n'outrem me fará gozar!

O amor, o amor, celestial perfume
Que a mão dos anjos sobre nós verteu,
Doce mistério que num só resume
Dois pensamentos aspirando ao céu!
O amor, o amor, não mentiroso incenso
Que em frios lábios só no mundo achei,

Mas imutável, mas sublime e imenso
Qual em meus sonhos juvenis sonhei...

O amor! só ele poderá nesta alma
Risonhas crenças outra vez gerar,
De minha sede mitigar a calma,
E inda fazer-me reviver, e amar.

O FILHO MORTO

No povo d'além da serra
Vai a noite em mais de meio,
E a pobre mãe velava
Unindo o filhinho ao seio.

“Acorda, meu filho, acorda,
“Que esse dormir, não é teu;
“E como o sono da morte
“O sono que a ti desceu.

“Tarda-me já um sorriso
“Nos teus lábios de rubi;
“Acorda, meu filho, acorda,
“Sorri-te ledos pra mim.”

Mas o infante moribundo
Em seu regaço expirou;
E a mãe o cobriu de beijos,
E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo
Dois dias chorou também;
Ao terceiro o sino triste
Dobrou à morte d'alguém.

E à noite no cemitério
Outro jazigo se via:
Era a mãe que ao pé do filho
Na sepultura dormia.

SÓCRATES

Já próximo do ocaso vai descendo
O sol ao mar inquieto,
Os moribundos raios estendendo
Nas alturas do Himeto;
E Sócrates, sentado sobre o leito,
Inda aos alunos fala,
No silêncio geral notando o efeito
Da razão que os abala.
A verdade sublime lhes revela
Em palavras ignotas,
Suaves como a voz de Filomela
Ou do cisne do Eurotas.
Cebes, o próprio Cebes emudece,
Símias já não duvida:
Nus olhos do inspirado resplandece
Um Deus e a eterna vida!

Mas o sol expirava: era o momento
Que Atenas decretara:
Cumpre os deuses vingar: o sábio atento
À morte se prepara.
Os discípulos tremem, contemplando
O dia já no resto;
Eis o servo das onze entra chorando
No cárcere funesto.
O círculo cruzando, a brônzea taça
A Sócrates estende;
O filósofo a empunha com a graça
Que nos festins resplende.
“Ergamos, disse, nossa prece Aquele
“Que ao longe nos convida,
“Por que seja feliz por meio d'Ele
“A viagem temida.”
E aproximando intrépido e sereno
A líquida cicuta,
Como néctar a esgota, e do veneno
Entrega a taça enxuta.

Um lamento geral, um só transporte
Percorre em torno o bando
Dos alunos fiéis, chorando a sorte
Do mestre venerando.
Apolodoro geme; sucumbindo,
Crítton lhe responde;

Fédon abaixa os olhos, e carpindo
No manto o rosto esconde.
Ele sem vacilar, ele somente,
Sorrindo á turba ansiada:
“Amigos, que fazeis? um sol fulgente
“Me luz em nova estrada.

“De presságios felizes rodeemos
“Os últimos instantes!
Chore quem não tem fé – nós que já cremos,
“Nós sejamos constantes!”
Disse, e deixando o leito em que jazia,
Serenamente move o passo,
Que o veneno letárgico devia
Obrar pelo cansaço.
Das grades se aproxima, olha o Pártenon,
Olha os muros d'Atenas,
O Falero, o Pireu e as que lhe acenam,
Regiões tão serenas;
Olha os céus, olha a terra, a luz do dia
Expirando nas vagas,
E de harmonias tais se ergue à harmonia
De mais ditosas plagas.
Depois, volvendo ao leito, diz a tudo
O adeus de despedida:
Cobre o rosto co manto e aguarda mudo,
O instante da partida.

O veneno progride, e já do efeito
Redobra a intensidade;
Dos membros se apodera, sobe ao peito,
E o coração lhe invade.
Estremeceu! do gélido trespasse
Era enfim a agonia...
O executor lhe descobriu a face:
Sócrates não vivia!

Triunfa, cega Atenas, ao martírio
O sábio condenaste,
E d'olímpicos deuses no delírio
A razão enjeitaste;
À voz do Areópago, à voz de ferro
Sufocaste a doutrina:
A verdade sucumbe, a sombra do erro

No mundo predomina.

Mas que estrela futura se levanta
Rasgando a escuridade?
Que palavra ressoa, e o mundo espanta
Pregando a alta verdade?
E ele, e ele, o prometido às gentes
Na voz das profecias!
Curvai, ó gerações, curvai as frentes
Ao Verbo do Messias!

O GÓLGOTA

(fragmentos inéditos)

Vede-o na cruz erguido! sobre o peito
Pendida a fronte na agonia extrema;
Que sublime painel, que alto poema
De sofrimento e amor!
Um Deus, um Deus à terra se apresenta
A resgatá-la dos grilhões do vício
E a terra ingrata lhe fulmina o exício,
Dá-lhe em troca o rancor!

Ódio por afeição! tormento e morte
Por vida e gozo prometido ao mundo;
Noite escura por dia! um véu profundo
Por luz de tanto sol!
Martírio pela ideia! alto martírio
A quem ao mundo proclamara o verbo
Que às gerações em seu destino acerbo
E qual doce farol.

Mas que ideia e que sol jamais aos homens
Surgiu benigno sem que a vista afeita
À sombra escura, que o fulgor rejeita,
Lhe não temesse a luz?
Que vulto grandioso sobre a terra
Ao soltar da verdade a voz tremenda
Na sagrada missão não vê a senda
Que ao martírio conduz?

Oh! mas o teu foi tão grande! o que era a terra?
Sangrento circo de leões raivosos,

Mãe d'abominações, festim de gozos
Dissolutos e vis.

.....
.....

E ei-lo surge, e o fulgor da luz celeste
Derramando na terra corrompida,
Lhe regenera a fatigada vida
Inspirando-lhe o amor.
Existe um Deus somente: filhos todos
Somos iguais, do Criador do mundo;
Amarmo-nos, eis o profundo
Verbo do Redentor.

.....
.....

Mas faltava morrer, faltava ainda
Na extrema angústia proclamar seu Verbo,
Do passamento no sofrer acerbo
Ensinar-nos a amar,
Ensinar-nos a dor, a crença viva
Co próprio sangue assinalar na terra,
Firmar a paz onde reinava a guerra,
Erguer da cruz o altar!

.....
.....

Ó Cristo! foi sublime a tua vida
Mas foi mais que sublime a tua morte,
Provando ao mundo no tremendo corte
Tua origem dos céus.
No amor, na crença, doutrinando o mundo
Foste o Messias d'inspirado alento;
Ensinando o perdão e o sofrimento
Foste inda o homem Deus!

A***

Acaso és tu a imagem vaporosa
Que me sorriu nos sonhos doutra idade,
Como a luz da manhã sorri formosa
Nos espaços azuis da imensidade?
És tu esse astro que minha alma anela,

Que debalde busquei no mar da vida,
Qual busca o nauta bonançosa estrela
No meio da procela enfurecida?
Ah! se és esse ente que meu ser domina,
Se és essa estrela que meu fado encerra,
Se és algum anjo da mansão divina
Pairando sobre a terra;
Já que baixaste a mim, já que a meu lado
Me apontaste sorrindo o etéreo véu,
Não me deixes na terra abandonado,
Transporta-me ao teu céu!

ÚLTIMOS MOMENTOS DE ALBUQUERQUE

Ao meu amigo A. Aires de Gouveia

Companheiros, sinto a morte
Pairando já sobre mim;
Cessaram vaivens da sorte,
Desço à terra donde vim...
Do cálice da desventura
Eis esgotada a amargura;
No leito da sepultura
Terei descanso por fim.

Terei: a campa é um asilo
Que ao ímpio deve aterrar,
Mas eu dormirei tranquilo
Sob a lájea tumular.
Eu... desgraçado, que digo!
Nem lá espero um abrigo,
Que os meus restos no jazigo
Irão talvez insultar.

Murmurando: “aqui repousa
Um desleal português”,
Irão partir minha lousa,
Meu nome calcar aos pés;
E o guerreiro que descansa
Não poderá, por vingança,
Brandir na destra uma lança,
Cingir ao peito um arnês...

Quais foram, rei, os meus crimes

Para haver tal galardão?
Porque a fronte assim me oprimes
Com a tua ingratidão?
De vis intrigas cercado
Ouviste seu ímpio brado,
E sobre as cãs do soldado
Lançaste negro baldão.

Não merecia tal prêmio
Quem debaixo deste céu,
Da roxa aurora no grêmio
Um novo império te deu;
Quem à custa duma vida
Nas batalhas consumida,
Ante as quinas abatida
A Índia inteira rendeu.

Por dar-te a c'roa brilhante
Que em tua fronte reluz,
Fiz a meus pés arquejante
Cair a opulenta Ormuz:
Malaca sentiu meu raio,
E em Goa, roto o Sabaio,
Entre o sangue, entre o desmaio,
Alcei o pendão da cruz.

Então desde o Nilo ao Ganges
Cem povos armados vi,
Erguendo torvas falanges
Contra mim e contra ti;
Vi os filhos do deserto
Em ondas rugindo perto;
Mas com ferro em campo aberto
Às suas iras sorri.

Contra as lanças portuguesas
A Índia lutou em vão,
Que em troca d'ouro e riquezas
Veio comprar seu grilhão.
Aos golpes dos meus soldados
Vi seus tronos abalados,
Vi ante mim ajoelhados
Reis d'Onor e de Sião.

Mas d'Ásia não pôde o ouro
Cegar-me com seu fulgor,
Porque a honra ó o tesouro
Dos meus passados, senhor.
Eu quis adornar-te a frente
C'um diadema refulgente:
Ganhei o cetro do Oriente,
E a teus pés o fui depor.

Nesses campos de batalha,
Onde audaz o conquistei,
Das armas sob a mortalha
Porque exangue não findei?
Entre os louros da vitória
Morrera ao menos com glória;
Do teu soldado a memória
Não a mancharas ó rei.

Eu desleal?! se meus brados
Podem chegar até vós,
Erguei-vos, restos sagrados
De meus extintos avós!
Erguei-vos da campa fria,
E com sangue, à luz do dia,
Lavai a nódoa sombria
Que arrojaram sobre nós!

Eu desleal?! mas ao mundo
Que vale queixas mandar?
As vozes dum moribundo
Não vão na terra ecoar...
Surge, ó morte!... e vós, amigos,
Sócios de tantos perigos,
Vinde... nem só inimigos
Me restam ao expirar.

No reino vos deixo um filho –
N ossos feitos lhe ensinai;
Dizei-lhe qual foi o trilho
Que em vida seguiu seu pai...
Dizei-lhe qual foi meu norte;
Mas, enquanto à minha sorte,
Oh! não lhe aponteis a morre,
A vida só lhe apontai...

E se falardes um dia
A dom Manuel, o feliz,
Dizei-lhe que na agonia
Albuquerque o não maldiz;
Que à beira da sepultura,
Para um filho sem ventura,
Invoco sua ternura,
Se alguns serviços lhe fiz.

E vós... e vós, portugueses,
Nossa pátria defendei;
Dai-lhe os peitos por arneses,
Seja a pátria vossa lei.
Num trono que ela não tinha
Eu vo-la deixo rainha,
Mas não sei o que adivinha
Meu pensamento... não sei...

Entre as sombras do futuro,
Meu Deus! a pátria em grilhões!...
Pelo mar em vão procuro
Seus orgulhosos pendões...
Coberta d'amargo pranto,
Lá se envolve em negro manto...
Lá roja a face em quebranto...
Ela, a grande entre as nações!...

Oh! se este braço pudera
A fria lousa quebrar,
Este braço inda se erguera
Da tumba, para a salvar;
Apontando-lhe a vingança;
Inda lhe dera esperança,
E empunhando a antiga lança,
À morte a fora arrancar.

Mas eis marcado o momento
No livro d'além dos céus...
Eis a morte... o passamento...
São findos os dias meus...
Companheiros da vitória,
De tantos dias de glória,
Guardai... guardai na memória,

D'Albuquerque o extremo adeus...

A morte... a morte... que anseio!
Sinto um gelo sepulcral...
Abre-me, ó terra, o teu seio,
Quero o repouso final.
Desce, guerreiro cansado,
Desce ao túmulo gelado...
Mas a afronta... desonrado...
Índia... filho... Portugal!...

A TI

Oh! quão formoso me surge o dia
Lá quando a noite se inclina ao mar,
Quando na aurora que me extasia,
Teu belo rosto cuida avistar!
Não sei que esp'rança jamais sentida
Então me adeja no peito aqui;
E que na aurora saúdo a vida,
Outrora escura, sem luz, sem ti.

Correm as horas, a noite avança,
A lua brilha com meigo alvor;
Então minha alma, que em paz descansa
Divaga em sonhos d'ignoto amor.
No véu d'estrelas, na branca lua
Meus olhos buscam olhos que eu vi,
E o pensamento longe flutua,
E uma saudade revoa a ti.

Eis que adormeço, e um anjo assoma
Todo cercado d'etérea luz;
De seus cabelos recende o aroma
Das castas rosas que o céu produz.
O céu me aponta, sorri-lhe a face;
Acordo, e o anjo foge dali;
Mas em meu peito logo renasce
Doce esperança que vem de ti.

Já pela terra surgem verdores,
Auras serenas baixam do céu,
As aves cantam novos amores,

Tudo se cobre dum glóreo véu;
E céus e terra, montes, paisagem,
Tudo a meus olhos, tudo sorri;
É que ali vejo só Lua imagem,
É que hoje vivo, mas só por ti.

Talvez que eu sinta meu pobre enleio
Passar qual brilho de luz fugaz:
Que importa? ao menos dentro em meu seio,
Já morta a esperança, tu viverás.
Oh! sim, que os dias são mais serenos
Com tua imagem gravada ali;
Té mesmo a morte custará menos,
Junto ao sepulcro pensando em ti.

INFÂNCIA E MORTE

“Ó mãe, o que fazes? em cama tão fria
“Não durmas a noite... saiamos daqui...
“Acorda! não ouves a pobre Maria,
“Pequena, sozinha, chorando por ti?

“Porque é que fugiste da nossa morada,
“Que alveja saudosa no monte d’além?
“Depois que tu dormes na terra gelada,
“Quão só ficou tudo, mal sabes, ó mãe.

“A nossa janela não mais foi aberta,
“O fogo apagou-se na cinza do lar,
“As pombas são tristes, a casa deserta,
“E as flores da Virgem se vão a murchar.

“Oh! vamos, não tardes... mas tu não respondes...
“Em vão todo o dia meu pranto correu;
“No fundo da cova teu rosto me escondes,
“Não ouves, não falas... que mal te fiz eu?

“Escuta! na torre de frestas sombrias
“O sino da ermida começa a tocar...
“Acorda! que o toque das Avé-Marias
“À imagem da Virgem nos manda rezar.

“A lâmpada exausta de Nossa Senhora

“Ficou apagada, precisa de luz:
“Oh! vem acendê-la, e à Mãe que se adora
“Ali rezaremos, e ao Filho na cruz.

“Depois à costura, sentada a meu lado,
“Tu hás de contar-me, bem junto de mim,
“Aquelas histórias dum rei encantado,
“De fadas e mouras, dalgum querubim.

“A d'ontem foi triste, pois triste falavas
“De vida e de morte, dum mundo melhor;
“E o rosto cobrias, e muda choravas,
“Lançando teus braços de mim ao redor.

“Depois em silêncio teus olhos fechaste,
“Tão pálida e fria qual nunca te vi;
“Chamei-te era dia, mas não acordaste,
“E enquanto dormias trouxeram-te aqui.

“Oh! vamos, não tardes, que as noites sombrias.
“Sem ti a meu lado, me causam pavor!
“Acorda! que o toque das Avé-Marias
“Nos diz que rezemos à Mãe do Senhor.”

Tais eram as queixas da pobre Maria...
O sino da ermida cessou de tocar...
E a mãe entretanto dormia, dormia;
Do sono da morte não pôde acordar.

Três dias, três noites a filha sozinha
No adro da igreja por ela chamou...
Ao fim do terceiro já forças não tinha;
Da mãe sobre a campa, gemendo, expirou.

O CANTO DO LIVRE

Ao meu amigo Alexandre Braga

Gema embora a terra inteira
Acurvada a iníquas leis;
Esta fronte sobranceira
Jamais de rojo a vereis.
Oh! ninguém, ninguém a esmaga,
Que eu sou livre como a vaga,

Que sacode sobre a plaga
O jugo d'altos baixéis.

Liberdade é o mote escrito
No céu, na terra, e no mar!
Di-lo a fera no seu grito,
E as aves cruzando o ar;
Di-lo o vento da procela,
A vaga que se encapela,
E nos espaços a estrela
Em seu contínuo girar.

Di-lo tudo! mas ainda
Mais livre me criou Deus
Que os astros da altura infinda,
Os ventos, e os escarcéus.
Eu tenho mais liberdade
Desta alma na imensidade,
Pois tenho nela a vontade,
Tenho a razão, luz dos céus.

Eu sou livre! erguendo a fronte
Diz-mo uma voz na amplidão,
Quando de pé sobre o monte
Me elevo rei da soidão;
Quando além do firmamento
Alçando meu pensamento,
Solto nas asas do vento
Meu canto d'inspiração.

Eu sou livre! eis minha crença,
Nem força contra ela vale.
Que um tirano enfim me vença –
Triunfarei por seu mal.
Triunfarei, que algemado
E diante dele arrastado,
Sou livre! será meu brado
Té ao momento final.

E que importa que o tirano,
Jurando vingança atroz,
Faça erguer, sorrindo ufano,
Um cutelo à sua voz?
Minha frente sempre erguida

Há de encará-lo atrevida,
E só cair abatida
Ao rolar aos pés do algoz.

Mas nunca! pois fora um preito
Dar os pulsos ao grilhão.
Tenho um ferro, e neste peito
Tenho um livre coração!
Não! jamais serei cativo!
Se vencido restar vivo,
Cairei, sorrindo altivo,
Sob o punhal de Catão!

SAUDADE

Assim, pálida lua, assim teu rosto
Fulgurava tranquilo nessa noite
Em que o adeus lhe murmurei sentido;
Quando, após os momentos preciosos
Em que inda pude vê-la, inda escutá-la,
Afoutando meu ânimo indeciso,
Sua trêmula voz me disse: parte...
Entanto que uma lágrima furtiva
Lhe escorria na face melindrosa,
Mais pálida que a tua...

Astro saudoso
Astro da solidão, quanto me aprazes!
Eu amo o teu silêncio, amo o teu brilho,
Mais que do sol os importunos raios.
Que me importa desse astro a luz e a vida,
Se a luz e a vida me ficaram longe?
Se em meio do rumor que o dia espalha,
A voz não ouço que responde à minha?

Estes vales, e selvas, estes montes,
À luz do dia, são talvez formosos;
“ias não é este o ar que ela respira,
Não são estes os sítios que ela encanta
Com seu mago sorriso. O dia é mudo;
Porém tu surges, solitária amiga,
Tu vens falar-me dela, astro saudoso.

Lua, desse áureo trono onde campeias,
Tu vês os sítios caros. Que faz ela?
Acaso; como pomba fatigada,
Repousa adormecida? Verte, ó lua,
Verte-lhe em torno o perfumado alento
Que a noite rouba às orvalhadas flores.
“ias não; talvez agora em mim pensando,
Agora mesmo sobre o teu semblante
Ela fixa também os olhos tristes,
“nossos pensamentos, nossas vistas
Se confundem em ti. Oh! não poderemos,
Adejando como eles nesse espaço,
Embora por momentos, confundir-nos
Em teu regaço, deslembrando a ausência!
Ao menos, astro amigo, ordena, ordena
Que o anjo da saudade, que em ti mora,
Desça, e lhe diga o que minha alma sente.

Oh! quando solto d'importunos laços,
Demandando outros céus, hei de já livre
Vê-la, ouvi-la, falar-lhe? Quem o sabe?
Mas tu entanto, confidente meiga.
Em cada noite vem falar-me dela;
E em meu peito sombrio e solitário
Derrama, envolto no teu doce brilho,
O bálsamo suave da esperança.
Assim possas tu ser, benigna deusa,
A invocada dos tristes; e se acaso
Amas também, se algum remoto lago
Entre floridas margens escondido
Te prende as feições, possas tu sempre
No cristalino azul das suas águas
Sem nuvens espelhar teu rosto ameno!

AMOR E ETERNIDADE

Repara, doce amiga, olha esta lousa,
E junto aquela que lhe fica unida:
Aqui dum terno amor, aqui repousa
O despojo mortal, sem luz, sem vida.
Esgotando talvez o fel da sorte,
Puderam ambos descansar tranquilos;
Amaram-se na vida, e inda na morte

Não pôde a fria tumba desuni-los.
Oh! quão saudosa a viração murmura
 No cipreste virente
Que lhes protege as urnas funerárias!
 E o sol, ao descair lá no ocidente,
 Quão belo lhes fulgura
 Nas campas solitárias!
Assim, anjo adorado, assim um dia,
De nossas vidas murcharão as flores...
 Assim ao menos sob a campa fria
 Se reúnam também nossos amores!
Mas que vejo! estremece, e teu rosto,
 Teu belo rosto no meu seio inclinas,
 Pálido como o lírio que ao sol posto
 Desmaia nas campinas?
Oh! vem, não perturbemos a ventura
 Do coração, que jubiloso anseia...
Vem, gozemos da vida enquanto dura;
Desterremos da morte a negra ideia!
Longe, longe de nós essa lembrança!
 Mas não receies o funesto corte...
 Doce amiga, descansa:
 Quem ama como nós, sorri à morte.
 Vês estas sepulturas?
 Aqui cinzas escuras,
 Sem vida, sem vigor, jazem agora;
Mas esse ardor que as animou outrora,
 Voou nas asas de imortal aurora
 A regiões mais puras.
Não, a chama que o peito ao peito envia
 Não morre extinta no funéreo gelo.
 O coração é imenso: a campa fria
 E pequena de mais para contê-lo.
Nada receies, pois: a tumba encerra
Um breve espaço e uma breve idade!
E o amor tem por pátria o céu e a terra,
 Por vida a eternidade!

O ESCRAVO

Tremes, escravo? baqueias
Entre os muros da prisão?
Vergado sob as cadeias

Rojas a fronte no chão?
Já da turba ao longe o grito
Pede teu sangue maldito:
Sentes, escravo proscrito,
Vacilar teu coração?

Não sinto! nada perturba
Minha alegria feroz –
Nem o bramir dessa turba,
Nem a lembrança do algoz.
Vinguei-me! nada me aterra,
Curvai-vos, homens da terra!
Contra mim juraste guerra;
Guerra jurei contra vós.

Eu era livre sem meta
Como as ondas lá no mar;
Era livre como a seta
Quando sibila no ar:
Em vossa avidez tirana
Que me algemou desumana...
Ó minha pobre choupana!
Ó florestas do meu lar!

Além, além nas florestas,
Foi além onde eu nasci;
Onde sem prisões funestas
Já venturoso vivi.
Foi dos bosques na espessura
Que eu tive amor e ternura;
Mas liberdade e ventura,
Pátria, amor, tudo perdi.

Perdi tudo! além da morte
Já não me resta ninguém.
Tinha um pai: a negra sorte
Do filho sofreu também.
Trouxe da pátria distante
O férreo jugo aviltante,
Inda eu era tenro infante
Nos braços de minha mãe.

Minha mãe!... oh! quantas vezes
Me vinha a triste abraçar,

E carpindo os seus reveses
Fitava os olhos no mar!
Seu pranto caía ardente,
Em bagas na minha frente;
E eu, pobre infante inocente,
Chorava de a ver chorar.

Mais tarde, quando o navio
Me trazia à escravidão,
Nas praias do mar bravio
Eu a vi cair no chão;
Vi-a através dos espaços,
Morrendo, estender-me os braços...
Sacudi meus férreos laços;
Mas, ai de mim! era em vão!

Perdi-a! só me restava
A virgem do meu amor,
Que a mulher que eu adorava
Quis partilhar a minha dor.
Mas tinha sua beleza
Só dum escravo a defesa...
Devia, oh raiva! ser presa
Do meu infame senhor.

E eu, soberbo vezes tantas,
Curvei-me daquela vez;
Arrastei às suas plantas
Minha feroz altivez.
Debalde! que o vil tirano
Escarneceu do africano;
Maldição! vaidoso, ufano,
Meu amor calcou aos pés.

– É minha, só minha a escrava:
A ti, pertence o grilhão: –
Disse, e o sangue me escaldava
No fundo do coração.
Da vingança a torva imagem
Me sorriu, me deu coragem –
No meu gemido selvagem
Rugiu irado o leão.

Era noite! – negro sonho

Que destes olhos não sai!
Era noite! um céu medonho
Vi tua sombra, ó meu pai...
Rojando um grilhão pesado,
Teu espectro ensanguentado
Se ergueu sombrio a meu lado,
Sem dar um gemido, um ai...

Té que alçando a voz: – meu filho!
Meu filho! – bradaste enfim,
E os olhos turvos, sem brilho,
Tinhas cravados em mim...
Eu quis lançar-me em teus braços,
Quis cingir-te em doces laços;
Mas fugindo aos meus abraços,
Volvias a olhar-me assim.

Foste escravo... teu destino,
Tua morte compreendi,
E um nome, o do assassino,
Delirando te pedi;
Mas sem atender a nada,
Erguendo a destra mirrada,
– Vingança! – com voz irada
Bradaste, e não mais te vi.

Sim, vingado foi teu sangue
Por este braço afinal,
Que um deles caiu exangue
Aos golpes do meu punhal.
Era amargo o fel da taça –
Vinguei a nossa desgraça
Num dos tigres dessa raça,
No sangue do meu rival.

Vinguei o meu e teu jugo!
Que importam férreos grilhões,
O cadafalso e o verdugo,
O suplício e as maldições?
Entre os gozos da vingança
Reluz enfim a esperança;
Já não receio a lembrança
De seus cruentes baldões.

Sinto correr-me nas veias
O fogo que lhe ateei...
Quebrai-vos, duras cadeias,
Escravo não mais serei...
Sou livre! a morte o proclama
Neste peito que se inflama...
Já nele circula a chama
Do veneno que eu tomei!

O ANJO DA HUMANIDADE

Era na estância cristalina e pura,
Que além do firmamento rutilante
Se ergue longe de nós, e está segura
Em milhões de colunas de diamante;
Jerusalém celeste, onde fulgura
Do eterno dia o resplendor constante,
E onde reside a glória e majestade
D'Aquele que povoa a imensidade.

Na mansão mais recôndita e profunda
A soberana Essência o trono encerra,
Donde a fonte de amor brota fecunda,
Os astros animando, os céus e a terra;
Um mar de luz seus penetrais circunda,
Que o próprio arcanjo deslumbrado aterra,
Luz que em triângulo ardente se condensa
Quando o Eterno os oráculos dispensa.

Por toda a parte o azul e as pedrarias
Na cidade divina resplandecem;
Mil arcadas de sóis, mil galerias
De brilhantes estrelas a guarnecem;
Os anjos em lustrosas jerarquias
Nas harpas d'ouro melodias tecem,
Outros em coros adejando voam
E d'aromas e canto o céu povoam.

Eis de repente nos umbrais divinos,
Sobre as asas pairando, um anjo entrava,
Parecendo de sítios peregrinos
Que às regiões celestes assomava;
Cruzando o empíreo, as legiões, e os hinos,

Qual rápido luzeiro perpassava,
Té que chegando ao trono do Increado,
Nus últimos degraus ficou pousado.

Pelos ebúrneos ombros o cabelo
Em aneladas ondas lhe caía;
A safira das asas sobre o gelo
Das roupagens reluzentes refulgia.
Mais brilhante não é, não é mais belo,
Comparado com ele, o astro do dia,
Ou a estrela que brilha quando a aurora
De purpurina luz o céu colora.

Ao trono augusto levantou a frente,
Mas com as asas a toldou ansioso,
Não podendo suster o brilho ardente
Que despedia o foco luminoso.
A milícia dos anjos resplendente
Fixou atenta seu irmão formoso;
Os concertos pararam, e ele entanto
Assim falou entre o geral espanto:

“Eterno Ser, que as divinais moradas
“Enches de glória em majestoso assento,
“Fonte de vida e criações variadas,
“Que dás ao mundo poderoso alento;
“A cujo aceno tremem abaladas
“As colunas do etéreo firmamento,
“E cujo nome, que o universo entoia
“No céu, na terra, e nos abismos soa!

“Por teu mando supremo destinado,
“A conduzir a humana descendência,
“Desde que a mancha do cruel pecado
“A fez cair da primitiva essência –
“Venho afinal, Senhor, de teu mandado
“Dar-te conta fiel, após a ausência;
“Fazer-te ouvir da humanidade os prantos,
“E aguardar teus preceitos sacrossantos.

“Ordenaste-me, ó Deus, que sempre atento
“Prosseguisse na terra a lei sob'rana
“Que rege, na amplidão do firmamento
“A criação que de teu seio emana:

“Essa lei do progresso e movimento
“Tenho cumprido na família humana,
“Desde que ao mundo, a combater seu fado,
“O desterrado do éden foi lançado.

“Primeiro, sobre a terra esclarecendo
“Seus duvidosos passos vacilantes;
“Depois, o justo c seu baixel sustento
“Nas águas do dilúvio sussurrantes:
“De novo à terra de pavor tremendo,
“Conduzindo mais puros habitantes:
“Mais tarde junto ao berço do Messias,
“Anunciando ao mundo novos dias.

“Agora, sobre as ruínas dum império
“Outro império de novo edificando;
“Agora, as povoações dum hemisfério
“Sobre as doutro hemisfério derramando:
“Já do teu Verbo o divinal mistério,
“Com as santas doutrinas propagando;
“Já mostrando por fim à humanidade
“Nova luz de justiça e de verdade.

“Quantos velhos sofismas desterrados!
“Quantos ídolos falsos em ruínas!
“Quantos sábios triunfos alcançados!
“Quantas conquistas imortais, divinas!
“Calcando o pó dos séculos passados,
“O homem corre ao fim que lhe destinas;
“Mas ah! Senhor, no meio da tormenta
“Seu amor esmorece e desalenta.

“Seu valor esmorece! tantas lidas,
“Tanto lutar contínuo das idades,
“Tanto sangue e martírios, tantas vidas,
“Tantas ruínas d'impérios e cidades:
“E o homem sofre, e as gerações perdidas
“Se revolvem num mar de tempestades,
“Sem ver luzir esse fanal jucundo
“Que por teu filho prometeste ao mundo.

“Quantos males ainda! a lei sublime,
“A lei d'amor que derramou teu Verbo,
“Sobre a face da terra, à voz do crime,

“Sucumbe e morre por destino acerbo.
“O férreo jugo que as nações oprime,
“Os humildes abate, ergue o soberbo,
“E o rei da terra, sobre a terra escravo,
“Sofre mesquinho seu eterno agravo.

“Por toda a parte, em lastimoso acento,
“Se ouve gemer a humanidade aflita.
“A terra, a mãe comum, nega alimento
“Dos filhos seus a à multidão proscrita:
“Enquanto folga em vícios o opulento.
“A indigência cruel na choça habita,
“E a mãe, a mãe ao peito, em desalinho,
“Aperta morto à fome o seu filhinho.

“Entanto a guerra, que a ambição ateia,
“Ensanguenta as campinas e as cidades;
“A crua peste, que ninguém refreia,
“Converte as povoações em soledades;
“Destes males cruéis a terra cheia,
“Cobre-se inda de mil iniquidades;
“O vício, o crime, a corrupção devora
“A pobre humanidade, como outrora.

“Ao ver tanta miséria, o bom padece,
“O mau blasfema de teu nome santo,
“A voz dos inspirados esmorece,
“O futuro se envolve em negro manto...
“Eu mesmo, eu mesmo, recolhendo a prece
“Que a humanidade te dirige em pranto,
“Subi confuso ao eternal assento,
“A depor a teus pés meu desalento.”

Disse, e um gemido d'afflicção pungente,
Semelhante a dulcíssima harmonia,
Soltou do peito, reclinando a frente
Com celeste e ideal melancolia:
Assim pendendo ao longe no ocidente,
Se reclina saudoso o astro do dia;
Assim reclina a pálida açucena,
Açoutada do vento, a frente amena.

Depois, continuando: “Ó Deus, quem há de
“Sondar mistérios que teu seio esconde?

“Tuas leis divinais, tua vontade
“Cumprirei sobre a terra. Eia, responde:
“Os passos da mesquinha humanidade
“Aonde os levarei, Senhor, aonde?”
Uma voz retumbou do céu radiante.
Que ao anjo respondeu, dizendo: – AVANTE!

PARTIDA

Ai, adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Soa a hora, o momento fadado:
É forçoso deixar-te e partir.
Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e de ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausência vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outono lhe despe os encantos;
Cedo o inverno com gélidos mantos
Baixará das montanhas d'além.
Tudo triste, sombrio, e gelado,
Ficará sem verdura nem flores:
Tal meu seio, privado d'amores,
Ficará de ti longe também.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?
Sobre as ondas, sem norte, e sem rumo,
Açoutado por ventos funestos,
Sumirá por ventura seus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas ah! longe esta ideia sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais belos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus lábios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
E na volta da quadra florente

Eu c'óas flores virei outra vez.

Mas se as flores dos campos voltarem
Sem que eu volte c'óas flores da vida,
Chora aquele que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada ano que o sopro do outono
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te ainda do adeus derradeiro,
Deste adeus que te disse ao partir!

CANTO DE PRIMAVERA

Eis surge a quadra florida,
A quadra dos amores,
Vertendo almos fulgores
Do seio juvenil.
Tudo revive ao hálito
Que a natureza aquece;
Tudo rejuvenesce
À luz do ameno abril.

Os bosques odoríferos
Se cobrem de verduras:
Nos montes e planuras
Renasce a tenra flor;
Dos perfumados zéfiros
As músicas suaves
Se juntam das mil aves
Os cânticos d'amor.

Salve, estação esplêndida,
Ó luz apetecida,
Que à terra dando vida,
A tudo dás prazer!
Minha alma em doces êxtases
Festeja a tua vinda,
E se ergue à luz infinda,
Manancial do ser.

D'onde. ó calor benéfico,
Derivas teu alento?
E d'onde o movimento

Que dás à criação?
Do foco sempre vivido
Que anima a natureza
Por toda a redondeza
Da terra, e da amplidão.

Como nos campos fulgidos
Espalha essas estrelas,
Assim as flores belas
Nos campos terreaux:
Quão belo, ó Providência,
É teu poder fecundo
Enchendo o vasto mundo
D'alentos imortais!

Debalde o imenso vórtice
Retoma quanto gera:
Tudo se regenera
No perenal crisol,
E tudo canta harmônico
O Ser que, das alturas,
Aos gelos dá verduras,
Às sombras novo sol.

Cantai, ó aves módulos,
Cantai em coro ledo!
Murmúrios do arvoredo,
Cantai a Jeová!
Campinas aromáticas,
Erguei-lhe os mil perfumes
Das flores em cardumes
Que a primavera dá!

Abriu-se o tabernáculo
Da terra florescente;
Todo sorri fulgente,
Todo respira amor:
Ressoem nele os cânticos
De mística harmonia,
Dizendo noite e dia:
– Hosana ao Criador!

Voltai, voltai, ó flores das campinas!
Revesti-vos de galas, ó colinas!
Aves, cantai d'amor!
E vós ó minhas caras esperanças,
Voltai-me ao coração; das áureas tranças
Derramai-lhe fulgor!

Expulsou-vos do peito o desalento,
Como no outono o proceloso vento
As folhas do vergel;
Mas como os dias da estação formosa,
Novo dia surgiu, e cada rosa
Da vida com seu mel.

Oh! quem pudera em sua quadra triste
Pensar que a alegre no futuro existe,
Que existe a sombra e a luz!
Que nos prantos do orvalho ri a aurora;
Que a natureza, que imortal labora,
Na ruína a flor produz;

Da inconstância geral nada se esquiva;
Toda a existência para o mar deriva
Do incógnito porvir!
Agora o riso, ou dor, logo outra sorte;
Aqui a vida, mais além a morte;
Depois o ressurgir!

CATÃO

Como em tarde anuviada
Em tarde de negros véus.
Para a terra contristada
Sorri o íris dos céus;
Mas quando o sol esmorece,
O íris desaparece,
Tudo é negra escuridão;
O mar ruga e se encapela,
E nas asas da procela
Corre bramindo o trovão:

Tal ao sol da liberdade
Que sobre Roma luziu,
Qual íris em tempestade,
Catão à pátria sorriu.
Mas esse astro que fulgente
Das águias brilhara à frente,
Do Capitólio baixou;
E ele, o íris da bonança,
Ele, de Roma a Esperança,
Com seu fulgor expirou.

Contra as iras da tormenta
Ó forte lutaste em vão:
Que pode a virtude isenta
Contra a geral corrupção?
Já não luziam virtudes
Como nos séculos rudes
Dessa Roma consular;
O templo da tirania
A seus ministros abria
As portas de par em par.

Inda infante, viste Mário
De Roma o sangue beber;
E envolvida num sudário
A pobre Itália gemer.
Viste Sila, o monstro infando,
Entre as cabeças folgando,
Qual tigre, no seu festim;
E, infante, bradaste ufano:
– Dai-me um ferro, e o tirano
Livremos a pátria enfim! –

Não to deram: que lucrava
O teu valor juvenil?
Dum tirano outro brotava,
Nascia a guerra civil.
Enxuto de Roma o pranto,
Eis que envolto em negro manto
Lá surge um conspirador:
Cintila a morte, a ruína
No punhal de Catilina,
De Catilina, o traidor,

Surge, víbora gerada
Dos vícios do lodaçal!
Sobre Roma descuidada
Lança o veneno fatal!
Eia, empunha o facho ardente!
Entrega a pátria inocente
Aos punhais da tua grei!
E entre o sangue, à luz do incêndio,
Num trono de vilipêndio
Vem sentar-te como rei!

Mas treme! lá soa o brado
De Marco Túlio, orador.
Treme! Catão no senado
Já dos teus vence o furor.
Sucumbiste, algoz ferino!
Oh! mas vinga-te o destino
Que Roma jurou perder.
Catão, cobre-te de luto,
Que da Gália já escuto
A guerra civil descer.

Gerou-a o triunvirato,
Esse monstro d'ambição;
Que as eras de Cincinato,
Essas eras já lá vão.
D'olhos fitos sobre a Itália
Eis desce o leão de Gália,
E Arimino já tomou.
É César! ei-lo que assoma:
Abre-lhe as portas, ó Roma,
Que às tuas portas chegou!

Ei-lo parte, e já na Espanha
Os três legados venceu!
Só em Dirrachio lhe ganha
A espada do grão Pompeu.
Os mortos jazem aos centos:
Sobre os seus restos sangrentos
Um homem chora: é Catão.
É ele que ali deplora
Essa guerra assoladora,
Guerra d'irmão contra irmão.

A liberdade expirava:
O coração lho prediz.
Roma, a livre Roma escrava
la dobrar a cerviz.
Não se enganou: lá troveja
O fragor d'alta peleja
Em Farsália inda uma vez;
Pompeu vacila e fraqueia;
A liberdade baqueia
De Júlio César aos pés.

Ei-la que expira, ei-la morta...
Oh! que não! ressurge além!
Catão é vivo: que importa
Quanto César ganho tem?
De Farsália aos naufragantes
Sobre as areias distantes
Da Líbia surge um fanal:
São dele, dele as bandeiras
Juntando as rotas fileiras
Para um combate final.

Mas César lá corre ovante,
Vence Juba e Cipião;
Tudo ante ele vacilante
Se prostra enfim maldição!
Não tarda a hora funesta:
De liberdade só resta
Dentro d'Utica um fulgor.
Inda Catão lá impera:
É lá que o vencido espera
As iras do vencedor.

Que venha, que ao seu aceno
Curvado não há de ver
Aquele rosto sereno,
Que nunca soube tremer.
Caminha, César altivo,
E acharás em teu cativo,
Em vez de preito, o desdém!
Sabes vencer, porém corre
Vem saber como se morre,
Aprende a morrer também!

Catão, Catão, eis chegada
O momento de partir!
Com que rosto sossegado
Te vejo à morte sorrir!
Antes do golpe supremo
Tu paras inda no extremo
A meditar com Platão:
Assim a águia alterosa
D'alta penha cavernosa
Mede sublime a amplidão.

E depois, assim como ela,
Das nuvens rompendo o véu,
Adeja sobre a procela,
Deixa a terra, e busca o céu:
Tal c'oa destra sempre ousada
Cravando no seio a espada,
Partiste d'alma os grilhões;
E dentre os vaivens da sorte
Voaste, calcando a morte,
Às etéreas regiões.

César vence, e ao Capitólio
Lá sobe triunfador;
Roma cai do altivo sólio,
Rojando aos pés dum senhor.
Catão, o livre, expirara...
No suspiro que exalara
A liberdade voou.
Começava o negro império
Que um Calígula, um Tibério,
Um Nero, monstro, gerou.

Ele, entanto, sepultado
Nas praias junto do mar,
Lá dormia descansado
Sob a lájea tumular.
Ali a queixosa vaga
Vinha, rolando na plaga,
Beijar do livre a mansão;
E inda falar com saudade,
Da pátria, da liberdade,
à estátua de Catão.

AMO-TE

Da aurora que surge com mantos lustrosos
Eu amo os sorrisos d'encanto sem fim;
Mas inda mais amo teus lábios formosos,
Teus lábios sorrindo d'amor para mim.

Eu amo as estrelas, dos plainos infindos
Vertendo num lago sereno fulgor;
Mas inda mais amo teus olhos tão lindos
Vertendo em minh'alma seus raios d'amor.

Em serras, ao longe, cobertas de gelos,
As ondas eu amo d'argênteo luar;
Mas inda mais amo teus louros cabelos
Que em ombros de neve costumam soltar.

Da brisa das tardes eu amo os lamentos,
Dos bosques sombrios adoro o cantor;
Mas inda mais amo teus brandos acentos
Em termos descantes, em quebros d'amor.

Eu amo a florinha d'ao pé da corrente,
E o cálice puro da nívea cecém;
Mas inda mais amo tu'alma inocente,
Tão pura que os anjos mais pura a não tem.

Eu amo dos astros a luz palpitante
E as vagas longínquas arfando no mar;
Mas inda mais amo teu seio d'amante,
Unido a meu seio, d'amor a pulsar.

Eu amo na brisa, que doce murmura,
Colher os perfumes da rosa em botão;
Mas inda mais amo sorver a doçura
Dos beijos que, ardendo, teus lábios me dão.

Eu amo-te, eu amo-te, ó virgem celeste,
Meus dias na terra, minh'alma, são teus;
Eu amo-te, ó anjo que à terra vieste,
O amor ensinar-me dos anjos dos céus.

IMITAÇÃO DO ISLANDÊS

Um dia eu te dizia: – se roubada
Me fores, vem buscar-me – e tu não crias
Que eu pudesse abraçar-te inanimada,
Beijar teus olhos, tuas mãos já frias.

Mas eu não te amaria, se inconstante
Te pudesse esquecer na sepultura;
Desbotou-se o frescor de teu semblante,
Mas inda adoro tua imagem pura.

Apagou-se em teus lábios o ar da vida,
Mas um sopro imortal veio animar-te;
E tu inda és formosa, inda és querida
Ao que na terra começou a amar-te.

Não me deixes em mísero abandono;
Escuta ao longe, escuta a minha prece:
Quando uma noite a viração do outono
Gemer em nossas rochas, aparece!

E se a lua brilhar, se de passagem
Me estenderes a mão d'etérea alvura,
Eu surgirei por ver a tua imagem,
Por ouvir tua voz serena e pura.

Depois, anjo celeste, no meu seio
Repousa a fronte, aperta-me em teus braços;
Deixa que eu te acompanhe sem receio,
Desta existência desatando os laços.

Sobre a aurora do pólo arrebatados
Vamos, no seio d'imortais venturas,
Em nuvens d'ouro e púrpura embalados,
Cantar, sonhar, dormir nessas alturas.

LIBERDADE

UM ECO NO CATIVEIRO

Que tristeza quando penso
Nos povos em servidão!
Nos povos, gigante imenso

Rugindo humilde no chão!
Ao pensar assim comigo,
Quantas vezes eu maldigo
Essa campa de jazigo
Que pesa sobre as nações!
Quantas vezes eu deploro,
Quantas estremeço e choro,
Ouvindo o ranger sonoro
De seus pesados grilhões!

Ouvindo tão tristes queixas
Retumbando por esse ar,
Tantas sentidas endechas
Sobre a terra a suspirar;
Ouvindo-te, humanidade,
Esse gemer de saudade,
Que soltas na imensidade
Sem que te escute ninguém;
Ouvindo-te, ó malfadada,
De teus filhos rodeada,
Suspirar abandonada
Como suspira uma mãe!...

É triste a cena que vejo,
É triste, mas ei-la aí...
Aquém sofismas, sem pejo,
Férreas algemas ali;
Dum lado povos traídos,
Pelos seus escarnecidos,
Soltam queixas e gemidos
Que ninguém quer acolher;
Doutro povos humilhados,
Sob um jugo avassalados,
Por um peso recalcados
Quase nem ousam gemer...

Pobre raça deserdada
Que aí suspiras em vão,
Quando hás de ter entrada
Na terra da promessa?
Quando hás de resgatar-te?
Quando é que em toda a parte
Há de o mundo contemplar-te
Semelhante a um homem só?

Quando raiará o dia
De cessar tua agonia?
Quando terás alegria
Erguendo a fronte do pó?

Hás de tê-la, que o desterro,
Eia, ó triste, acabará,
Que esse jugo vil de ferro
Em pedaços cairá!
Esgota o cálice inteiro
De teu duro cativo;
Porém do solo estrangeiro
Fita ao longe a redenção!...
Esta crença, força e vida
Nos corações mal contida,
Pode acaso ser retida?
Acaso pode?... pode? – Não!

Debalde tentam detê-la
Porque a corrente caudal
Hão de majestosa vê-la
Transpor o dique afinal...
Tudo no mundo descansa,
Nada progredindo avança,
Tudo avante se abalança
Num eterno caminhar...
Fitai o sol, as estrelas;
Vede se podeis sustê-las,
Se podeis, loucos, fazê-las
Ao vosso aceno parar...

Quem me dera a mim agora
Ter do fogo lá do céu,
Daquele fogo que outrora
Trouxe à terra Prometeu!
Oh! que se eu pudera tê-lo,
Eu havia de vertê-lo
Nessa montanha de gelo
Que inda dos seios não cai...
Sobre a raça amortecida
Dos homens soprara a vida,
E com voz, do mundo ouvida,
Lhes bradaria: – Acordai! –

ESPERANÇA

Povo! que fazes? desmaias
Sob o peso do sofrer?
Oh! nesse abismo não caias
Senão vê – tens de morrer:
O teu colo não se dobre,
Levanta essa alma que é nobre,
Tens, ó povo, um coração!
Ergue a fronte triunfante,
Ergue-a qual cedro gigante,
Não a rojes pelo chão!

Os teus irmãos sucumbiram?
Ao longe os viste expirar?
Não importa, – eles sorriram
De assim a vida exalar.
Era pela humanidade, –
Era pela liberdade:
Que lhes custava morrer?
Do céu te bradam: “esp'rança,
Irmãos, irmãos a bonança
Há de um dia alvorecer!”

Povo! olha ainda espumante
O sangue desses heróis;
Olha as ruínas fumantes
Como sinistros faróis;
Contempla todo esse estrago,
Olha de prantos um lago,
Olha um pai órfão além,
Um amante aqui chorando,
Acolá um filho orando
Na campa de sua mãe!

Mil cadafalsos aos ares,
Repara, não vês erguer?
São teus irmãos que aos milhares,
Ai de ti! lá vão morrer!
Tu aos cruéis perdoavas,
A vida tu lhe ofertavas,
Que não tinhas mais que dar.
Eles querem tua morte...

Dá-lha, povo não te importe,
Que o teu sangue há de medrar.

Mas chora teus irmãos, chora;
Quem é que o pranto retém?
Chora, sim, que escrava outrora
Já chorou Jerusalém:
Chora, sim, como chorava
O povo que suspirava
Pela mísera Sião,
Ou como na soledade
Suspirava de saudade
A corrente do Cedron.

Chora, mas em 'stragos tantos
Não apagues teu ardor;
Esgotaste sangue e prantos,
Não esgotes teu valor:
Recupera alento novo,
O lume da esp'rança, ó povo,
Não o deixes expirar;
Guarda-o vivo na tormenta,
Como a vestal que alimenta
O sacro fogo no altar!

Vossa aurora bonançosa,
Povos da terra, esperai!
Vós a vereis majestosa
Como os fogos do Sinai;
Vós a vereis radiante
Vós a vereis triunfante,
Qual no Gólgota brilhou,
Quando a toda a humanidade
Uma voz – fraternidade,
Lá duma cruz ressoou.

Um dia essa voz que encerra
O resgate universal,
Retumbará pela terra
Como a trombeta final...
Há de ver-se o tenro infante
Sorrir à mãe nesse instante,
E ela unindo-o ao coração
Que há de dizer com ternura:

“Filho, hás de gozar ventura,
Que chegou a redenção!”

Povos, povos, esse dia
Será um dia sem par:
A campa que vos cobria
Se há de então despedaçar;
As nações Hão de enlaçar-se;
Os homens Hão de sentar-se
Ao banquete fraternal,
E o céu olhando o mundo
Há de em silêncio profundo
Ver o abraço universal.

Nesse dia tão formoso,
Astros! mostrai-vos sem véus!
E tu, ó mar proceloso,
Suspende teus escarcéus:
Terra, cobre-te de gala,
Os teus perfumes exala!
Povos da terra, folgai!
E entre mil nuvens d'incenso,
Um hino geral e imenso,
À liberdade entoai!

À MORTE DO MEU AMIGO LICÍNIO F. C. DE CARVALHO

Morreste, amigo, partiste
Desta mansão passageira!
Bem depressa da carreira
Tocaste a meta fatal!
Com a folhagem dos bosques
Gelou-te o vento do outono,
E dormes o longo sono
Do teu leito sepulcral!

Já tua mão extremosa
Não aperta a mão do amigo
Que tantas vezes contigo
Em sonhos vãos delirou.
No seio da fria terra
Já não me escutas nem falas,
Contando lutos ou gaias

Do teu viver que passou.

Oh! quantas vezes, imersos
Nesses íntimos enleios
Que fazem um de dois seios,
Sentimos horas fugir!
Quantas, sonhando horizontes
De poesia, amor, ou glória,
Numa expansão transitória
Criamos longo porvir!

E morto jazes, ai! morto,
Sem poder de teus anelos
Realizar os sonhos belos,
Cruzar a vasta amplidão?
Morto sem ter dito ao mundo
A palavra augusta e santa
Que a turba ansiosa espanta,
E que é do gênio o condão?

Morto à luz da tua aurora
Sem que à luz da tua sesta
Pudesses, na hora funesta,
Sorrir ao passado teu?
Morto, ai, morto sem ter ganho
Mais lágrimas de saudade,
Tão doces à soledade
Daquele que já morreu!

Deus! se a vida é campo ameno
Onde se vem colher flores,
Porque, do sol aos fulgores,
Não se Hão de as flores colher?
Se é deserto ingrato e rude,
Onde não brota uma fonte,
Porque há de em nosso horizonte
A luz do dia nascer?

Mas dorme, descansa, amigo,
Que a vida é o deserto às vezes...
Estrada de mil reveses,
E de voragens fatais...
E que é o poeta? o viajante
Que fere os pés nos abrolhos,

Enquanto levanta os olhos
Às regiões divinais.

Ave estrangeira que passa
Neste clima proceloso,
Com seu canto mavioso
Levando as turbas d'após;
Mas que chora de saudade
Por sua pátria querida,
Té que afinal abatida
Cai sem alento e sem voz.

Descansa! no frio leito
De teu eterno repouso
Não te irá o sol formoso
Cada manhã despertar;
Mas também, da aurora à noite,
Não calcarás os espinhos
Que em teus agrestes caminhos
Verias da flor a par.

Lá não irão festejar-te
Ruidosos ecos do mundo,
Que dizem, no som profundo,
Qual é do gênio o poder;
Mas também tuas coroas
Não regarás com teu pranto,
Nem a inveja em negro manto
Tua estrela há de envolver.

Descansa! que digo! surge!
Ergue-te à luz, ó poeta,
E revoa aonde inquieta
Te levava a inspiração!
Sonhaste mundos brilhantes,
Sonhaste amor e poesia:
No país do eterno dia
Vai colher teu galardão!

Vai! das plagas do desterro
Eis-te afinal resgatado:
Procura regenerado
A pátria que te sorri!
Lá terás as harmonias

Que soltam milhões d'esferas,
E florentes primaveras
Quais não terias aqui.

Lá goza! lá, sacudido
Sobre a terra o térreo manto,
Desprende teu novo encanto
De novos sóis ao fulgor!
E, se lá pode chegar-te
Esta nota de saudade,
Escuta a voz da amizade
Entre os mil hinos do amor!

O MENDIGO

Nas turreas soberbas da grande cidade
O sol desmaiado não tarda a morrer;
Recrescem as sombras: que importa? a vaidade
No manto das sombras envolve o prazer.

E u velho entretanto lá sobe a montanha,
Caminha, caminha, no cimo parou:
Em frígidas gotas o rosto lhe banha
Suor copioso, que à terra baixou.

Quis antes da morte, nas serras distantes
Fitar inda os olhos cansados da luz;
A aldeia da infância saudar por instantes,
Depois satisfeito depor sua cruz.

Olhou, e um suspiro de vaga saudade
Juntou a seus prantos em funda mudez;
Depois, ao volver-se, topando a cidade,
Que em ébrio tumulto folgava a seus pés:

“Mal hajas, cidade, que ao pobre faminto
“O pão da desgraça negaste cruel!
“Mal hajas, mal hajas, que a terra do extinto
“Talvez lhe negaras, à tumba infiel!”

E exausto e sem forças, caiu de joelhos;
E a fronte cansada firmou no bordão:
Passados instantes, os olhos vermelhos

Ao céu levantava, dizendo: perdão!

Caíam-lhe soltas no colo vergado
As longas madeixas em longos anéis:
Que nobre semblante de rugas sulcado,
Sulcado dos anos e mágoas cruéis!

“Perdão para as vozes que solta a desgraça!
“Perdão para o triste, perdão, ó meu Deus!
“Bem hajas, que aos lábios lhe roubas a taça
“De fel e amarguras, abrindo-lhe os céus.

“Já filhos não tenho, levou-mos a guerra;
“Esposa não tenho, finou-se de dor;
“Amigos não vejo na face da terra:
“Que faço eu no mundo? bem hajas, Senhor!

“Às portas do rico bati sem alento,
“Eu rico n'outrora, mendigo por fim:
“O rico sem alma negou-me o sustento,
“Aqueles que amava fugiram de mim.

“Vaguei pelo mundo, nas faces mirradas
“Colhendo os insultos que ao pobre se dão;
“Sem pão, sem abrigo, por noites geladas
“Pousei minha fronte nas lájeas do chão.

“Que vezes a morte chamei sem alento
“Cansado dos anos, e fomes, e dor!
“A morte não veio: sofri meu tormento...
“Só hoje me ouviste! bem hajas, Senhor!

“Os homens e o mundo negaram-me os braços,
“Mas tu me recolhes, tu me abres os teus...
“Minha alma te busca, desprende-a dos laços...
“Perdão para todos, perdão, ó meu Deus!”

E um ai derradeiro soltou d'ansiedade,
Caindo por terra nas urzes do chão;
Ao longe, no seio da grande cidade,
Brilhava das festas noturno clarão.

A VIDA

A meu irmão

Que! lutar sempre em afanosa guerra
Contra os rigores dum feroz destino!
A cada passo lacerar as plantas
Nesta agra senda que nomeiam vida!
Correr após um sonho, uma esperança
Que leda nos sorria, a vê-la ao cabo
Sumir-se, desfazer-se como o fumo!
Ou, se tocamos o vedado pomo,
Arrojá-lo de nós, murcho e vazio!
Alcançar por um bem, mil dissabores!
Por uma hora de gozo, mil de prantos!
Sofrer, sempre sofrer, não vir um dia
Em que possamos exclamar: ventura!
E é este o cálice de aprazível néctar
Que ao banquete do mundo nos convida?
É este o éden que nos prende os olhos,
E nos faz recuar ante o sepulcro?

Nascemos: com que pena à luz do dia
Surgimos logo do materno seio,
Filhos da dor, obedecendo à origem,
Nos vagidos da infância a anunciamos:
E ainda assim no deslizar sereno
Dos dias infantis, a vida encanta;
A taça da existência tem doçura,
Como se o mel lhe coroasse a borda
Para mais fácil nos tentar os lábios.
O horizonte dos anos se dilata;
Vem a idade do amor. Que belos sonhos
Em mágico painel a vista iludem!
Um ser, que a mente em chama nos diviniza,
Nosso oásis feliz anima todo,
Bem como o sol anima toda a natureza,
Ou a rosa do vale os flóreos prados.
Mas quantos podem na manhã da vida
Colher a rosa de seu mago enlevo?
Quantos a estrela que adoraram crentes
Sentem passar, e desfazer-se em breve,
Não luzeiro do céu, porém da terra,
Meteoro fugaz que baixa ao solo,
E se dissipa, redobrando a noite!

As ilusões do amor se desvanecem:
Desse mundo feliz o homem baqueia
E devorando a mágoa segue avante.
Prometeu afanoso ei-lo procura
Dar alma e vida às criações que inventa,
Ai! já não belas, mas de impura argila.
Honras, glórias, poder, bens de fortuna,
Ciência austera, festivais prazeres,
A tudo se abalança, aspira a tudo,
E em tudo encontra desenganos sempre,
Ao ponto que fitara jamais chega,
Ou, se o alcança, não lhe dura o gozo.
Ai do que envolto em miserandas faixas,
Embalada sentiu a pobre infância
Cos gemidos da fome! Esse à ventura
Quase nem ousa levantar os olhos:
Perpétuo desalento lhos abate
À triste condição em que nascera.
Planta gerada num terreno estéril,
Não se ergue altiva, não estende os ramos,
Vive entre espinhos, e entre espinhos morre.
Em vão se cansa o triste: raras vezes
A dura terra lhe concede o prêmio
Do suor e das lágrimas que verte
No seio ingrato dessa mãe ferina
Um pão acerbo que amassou com pranto,
É o alimento que reparte aos filhos;
E o marco do caminho à cabeceira
Onde desprende o moribundo alento.
Ai dele! mas não menos desditoso
O que em púrpuras e ouro vendo o dia,
Ou conduzido pela mão da sorte,
Chegou ao cumes que a fortuna habita;
E, na posse dos bens que o mundo anseia,
Palpou tremendo seu medonho nada.
Este empunhando o cetro, empalidece,
Sentindo às plantas vacilar-lhe o sólio;
No fastígio da glória aquele geme,
Ao ver o louro que lhe cinge a frente
Pelo bafo da inveja emurchecido.
Um as honras consegue, e as vê sem preço;
Outro as riquezas, e lamenta os dias
Que mais belos perdeu em seu alcance.

Qual, a ciência devassando ousado,
Após longas vigílias estremece
Da dúvida ante o espectro; qual ardente
Das festas no rumor despende a vida,
E a taça do prazer lhe deixa o enfado.

Feliz aquele que em modesta lida,
Isento da ambição e da miséria,
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mas feliz ainda
Se, das turbas ruidosas afastado,
À sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existência deslizar tranquila.
Como as águas serenas do ribeiro
Que as herdades pacíficas lhe banha.
Mas, que digo! nem esse. Infintos males
Comuns a todos, seu viver não poupam,
Dum lado a crua guerra lhe sacode
O facho assolador às brandas messes;

A pálida doença, doutro lado,
Dos entes que mais ama o vai privando;
E ele mesmo talvez, infausta presa
Dessa serpente que nos liga à morte,
Nos ecúleos da dor a vida exaure.
E, como se estes males não bastaram,
Sua mesma virtude lhe é suplício.
Compassivo c'oa dor que os outros sofrem,
A dor alheia o atormenta ainda.
Justo, adora a justiça; e, olhando em torno,
A injustiça e opressão verá reinando;
Verá a inocência vítima do crime,
A virtude humilhada, o vício altivo,
Os prantos da miséria escarnecidos,
Por toda a parte o mal, a dor; e as queixas,
Ai dele, ai dele, se um momento pára
Na atroz contemplação de tantos males!
Ai dele, que turbado e confundido,
Em maldições blasfemarás terrível
Da virtude, de si, de Deus, de tudo!

Não! da vida no pélago agitado
Um abrigo não há, não há um porto
Onde possamos descansar tranquilos.

Em nós, dentro em nós mesmos, ruge irada
A tempestade que evitar queremos.
Como a serpente no cristal da linfa,
Na alma serena o sofrimento mora;
Não pode o gozo dos mais belos dias
Encher o abismo que no seio temos.
Em vão, em vão ansiamos a ventura:
Sumos na terra qual viajante exausto
Que ouve o sussurro d'escondida fonte,
E morre à sede sem poder tocá-la.

Vida, tremenda herança d'amarguras,
Eu te hei sondado nos meus próprios males,
E em meus irmãos na dor, nos homens todos:
Grilhão pesado que nos dá o berço,
E que depomos nos umbrais da tumba
A luta, a mágoa, eis os teus dons funestos.
Mas donde a causa do sofrer eterno
Que as gerações às gerações transmitem?
Que um século, tombando de cansaço,
Como um peso importuno lega ao outro?
Donde o crime feroz que um tal castigo
Sobre nós atraiu? Se um Deus é justo,
Que deus, que lei, sem escutar-nos, pôde
A sentença lavar? Silêncio é tudo!
Em vão, para sabê-lo, em vão mil vezes
Interoguei confuso o céu e a terra:
O céu de bronze não me ouviu a prece,
A terra obscura não me soube o enigma.
Dos profetas na voz, na voz dos sábios,
A dúvida cruel achei somente.
Pedindo à morte a solução da vida,
Desci às tumbas; apalpei as cinzas;
Quis ver se um eco da gelada campa
Surgirá à minha voz; mas foi de balde.
Frias ossadas, carcomidos restos
De quem sofreu também, só me disseram
Que tudo acaba ali. A terra, a terra,
O seio impuro dos famintos vermes:
Eis o refúgio, a habitação amiga
Que após a luta nos espera ao cabo!

Morte, morte, bem vinda sejas sempre,
Em nome da existência eu te saúdo!

Tu reinas pela dor na espécie humana,
E, quem sabe? talvez nesse universo;
O sol, o mesmo sol envolto nas sombras,
Parece refletir-te as negras asas;
E acaso à tua voz, a cada instante,
Um cometa voraz fulmina um globo.
Por que inda tardas a empunhar o cetro
Que neste ao menos te pertence há muito?
Ao desterrado do éden por que deixas
O resto do poder que inda te usurpa?
Eia, desprende sobre a terra as asas,
Sobre esta criação, que abandonada
Talvez por seu autor como imperfeita,
Qual nau perdida em tormentosos mares,
Vaga sem rumo nesse espaço etéreo!

Mas que sinistra voz! Silêncio, ó lira!
Não mais prossigas teu cantar blasfemo!
Fanal de salvamento, luz d'esp'rança,
Que na altura do Gólgota brilhaste,
Desce à minha alma que a tristeza inunda!
Desce! de todos resumindo as dores
O cálice d'Ele foi o mais acerba.
Ele sofreu! Soframos, e esperemos!
Depois da noite escura vem o dia:
Depois deste desterro, a eterna pátria!

UM SONHO

*Ah! si jamais le ciel j'étais entre mes bras
un des songes vivants attachés à mes pas*

LAMARTINE, Jocelyn

Inefável sentir, branda tristura
Oh! quero-te sozinho aqui gozar...
Eu te amo, tu não tens essa amargura
Que nos seios, a mão da desventura
Costuma derramar.
Eu te amo qual amara a melodia
De terna e melancólica canção,
Ou o raio que o sol no fim do dia
Como um beijo d'adeus, saudoso envia
À rosa da soidão...

Oh! sim, eu te amo, ó mística saudade
Vem, quero no teu seio reclinar
A minha fronte, aqui na soledade
Como o lírio a que falta a umidade...
Sim... quero aí chorar...
Quantas vezes meu espírito elevando
Ao céu em tuas asas de marfim,
Os anjos um por um me andas mostrando!
Oh! se desse gentil, celeste bando
Tivesse um junto a mim!...
Qual fonte que em deserto ressequido
Dá conforto ao exausto viajor,
Se houvesse sobre a terra um ente qu'rido
Que terno respondesse a meu gemido
Com meigo hino d'amor!..

Que vejo? as auras fendendo
Nívea pomba eis desce a mim,
Do céu à terra descendo!...
“um gênio, um querubim,
Já desceu e a mim chegando,
E meu pranto contemplando,
Já me uniu ao coração...
E dois seios se entenderam,
E dois corações bateram
Em uma só pulsação...

Virgem que à terra vieste
Lá do seio do Senhor,
Deixaste o coro celeste
Pra vir dar-me o teu amor?
Vens os prantos enxugar-me
Vens no teu sorriso dar-me
O que ainda não senti?
Vens do amor e da ternura
Receber essa flor pura
Que eu guardava para ti?

Vem; tu surges qual estrela
Que surge meiga no céu
Quando após uma procela,
Se mostra pura e sem véu;
Tu surges qual meiga aurora,
Qual ao Nauta que o implora

Surge seu berço natal;
Oh! quero pois adorar-te...
Quero só viver d'amar-te...
A vida sem ti que vale?

Sim, aqui junto ao teu seio
Tudo o mais quero esquecer...
Nada no mundo receio;
Junto a ti que hei de temer?
Este amor puro e ardente
Só bem o conhece e sente
Quem vive do coração,..
Cá na terra não no entendem,
Só os anjos o compreendem,
Só tu tens esse condão.

Tu eras, anjo, tu eras
Quem ao mundo em vão pedi:
Oh! escuta, se souberas
Todo o pranto, que verti!...
Mas meu pranto que importava?
O coração que eu buscava
No mundo não no achei...
Era em vão que lho pedia
O que só em ti havia,
O que em ti só encontrei.

Mas nós somos tão felizes!
É tão doce este viver!...
Oh! essas falas que dizes,
Torna-as, torna-as a dizer;
Essas falas de ternura
D'incência e de candura
Quero escutá-las sem fim...
Diz-me, virgem celeste:
Os anjos, donde vieste,
São inocentes assim?

Tu és inocente e pura
Como a cecém ao abrir
Quando a aurora na candura
Lhe vem um beijo imprimir...
Por uma manhã formosa.
Quando desabrocha a rosa,

Quando o prado rescender,
Hei de ir em cada florinha,
Em cada terra folhinha,
A tua inocência ler...

Mas, repara neste dia
Como é lindo o seu fulgor!
Tudo nele é alegria,
Tudo palpita d'amor...
Não vês tu a natureza
Revestida de beleza
Nosso amor a festejar?
Não vês como nos convida
A lançarmo-nos na vida,
A vivermos para amar?

Eis pois, tudo olvidemos
Vivendo juntos aqui:
Eia, nosso amor gozemos;
Sê minha, vivo pra ti...
Sim, és minha, as nossas vidas,
As nossas almas unidas,
Quem as pode separar?
Até no último suspiro,
Como um anjo em leve giro,
Hão de ao céu juntas voar!...

Um sonho... sim, um sonho e... feliz que ele era
Porém cedo fugiu...
Ai! não sei que terror, que medo gera
Esta mudez que impera
Dês que ele se esvaiu...
Pra quem sonhou na terra um céu d'amores
É tão triste o acordar!
E, qual apaga o íris suas cores,
Qual se vêem desbotar numerosas flores
Ver o sonho expirar!...
Meu Deus! só vejo um ermo onde caminho
Sem protetora mão,
Qual triste o peregrino vê sozinho,
Longe do pátrio ninho,
Do deserto que pisa a solidão!

DESENGANO

Vejo-a ainda! ressurgue a meus olhos
Como em tempos ditosos surgia,
E, qual anjo de casta poesia,
Desce às vezes num sonho d'amor;
Vejo-a ainda nos céus e na terra,
Nos encantos e risos da aurora,
E, se o dia nas ondas descora,
Das estrelas no meigo fulgor.

Era a luz que brilhava em minha alma,
Era o astro que em sombras luzira,
Era o fogo sagrado que a lira
Às doçuras d'amor acordou...
Tudo c findo; de balde nas trevas
Busco ainda seu facho luzente:
Foi apenas um astro cadente,
Meteoro fugaz que passou.

Pobre seio que ardente pulsaste
Embalado por falsas venturas,
O fanal que na terra procuras
Sobre a terra jamais acharás.
Não há seio que entenda no mundo
Esse ardor de teus vagos anelos;
Não há luz que em seus raios mais belos
Não te esconda uma sombra falaz.

Que te resta? um futuro vazio
D'ilustres que nutriu a esperança,
E um passado de triste lembrança
Como é triste a verdade sem véu...
Olvidar! olvidar! que ao presente,
Ai! só cabe o repouso do olvido.
Olvidar! e que em gelo sumido
Seja o fogo que em chamas ardeu!

Sonho belo, que esta alma iludiste,
Chama ardente nos céus ateadas,
Voa, voa à celeste morada!
Lá nasceste, do mundo não és.
E tu, lira de lânguidas cordas,
Que de amor suspiraste em desleixo,

Vai, oh, vai! em silêncio te deixo...
Vai, oh, vai para sempre talvez!

AGAR

De Bersabé nos areais ardentes
O desmaiado sol ia esconder-se,
E Agar, a expulsa Agar, gemendo aflita,
Unia ao peito o moribundo filho.
O vaso d'água que lhe dera o esposo
Esgotara-se em breve, e no deserto
Com seu pobre Ismael não descobrira,
Desde o romper do dia, a ansiada fonte.
O dia declinava: eis que o infante,
Que pela mão a acompanhava exausto,
Ardendo em sede lhe sucumbe às plantas.
Ela vê-o cair, ela estremece,
E, os olhos turvos em redor lançando,
Aqui e ali correndo busca ainda,
Mas debalde, um frescor. Enfim, cansada,
Ela mesma também, eis volve ao filho,
Prostra-se, abraça-o, com maternos beijos
Tenta ansiosa prolongar-lhe a vida.

“Filho, meu filho – murmurava a triste –
“À sede vais morrer! Oh! se o pudesse
“Adivinhar teu pai, cruel não fora;
“E Sara, a própria Sara, enternecida
“Emudecera seus fatais ciúmes.
“Oh! não gemas, não gemas, que debalde
“Invocas tua mãe. Ela te escuta,
“Mas não pode salvar-te: dentro em pouco
“Em seu regaço exalarás a vida.
“E hei de eu ver-te expirar? ver nesses olhos
“Sumir-se a luz do dia? e nessas faces,
“Que tantas vezes me sorriram ledas,
“Ver as ânsias da morte? Oh! não, não posso
“Ver morrer o meu filho”. Disse, e ao tronco
Duma árvore vizinha o recostava;
Depois, com tristes, vagarosos passos,
Foi noutros sítios aguardar a morte.
Ali, ao ver o sol que esmorecia,
Desatou a chorar, e estes queixumes

Em voz convulsa murmurou ainda:

“Sol do deserto, que o meu pobre filho
“Vês expirando na soidão além,
“Com teu suave, derradeiro brilho
“Beijar-lhe a face carinhoso vem!
“Oh! vem, que eu triste nessa face pura
“Materno beijo nunca mais darei.
“Perdi meu filho: sobre a terra dura
“Correi, meus prantos, sem cessar correi!

“Quando o teu facho ressurgir do oriente,
“Tudo na terra sentirá prazer;
“ E lá nos campos de Mambré virente
“Mais bela a rosa te verá nascer:
“Só ele em sombras duma noite escura
“Adormecido ficará, bem sei.
“Perdi meu filho: sobre a terra dura
“Correi, meus prantos, sem cessar correi!

“Por mim não choro, que infeliz escrava
“Meus tristes dias findarei aqui:
“Ai! choro aquele que no mundo amava,
“Choro meu filho, que expirando vi.
“Maternos mimos, filial ternura,
“Lembra-me os tempos que feliz gozei!
“Perdi meu filho: sobre a terra dura
“Correi, meus prantos, sem cessar correi!

“Oh! quem dissera nos passados dias
“Em que ao meu colo te cerquei d'amor,
“Oh! quem dissera que a morrer virias
“Neste deserto sem achar frescor?
“Emurcheceste, já não tens verdura,
“Mimoso arbusto que gentil criei!
“Perdi meu filho: sobre a terra dura
“Correi, meus prantos, sem cessar correi!

“Tantas esp'ranças, que o Senhor gerara
“Na escrava humilde, findarão assim.
“Foi mais feliz a geração de Sara:
“Cruel destino só me coube a mim.
“Em vão, em vão me prometeu futura
“Longa progênie: sem ninguém fiquei,

“Perdi meu filho: sobre a terra dura
“Correi, meus prantos, sem cessar correi!

“Aves agrestes que me ouvis as queixas,
“Com tristes vozes o seu fim chorai!
“Brisas do ermo, suspirai-lhe endeixas!
“Astros da noite, seu dormir velai!
“Velai-o todos, que a final ventura
“Que vos reservo nem sequer terei.
“Perdi meu filho: sobre a terra dura
“Correi, meus prantos, sem cessar correi!

Mas Deus! que via ela,
Que um ai desprendeou?
Que pomba tão bela
No manto do céu!
Que penas de prata,
D'azul, d'escarlata,
O espaço retrata
Sereno, sem véu!

É anjo voando!
Que brilho que tem!
Que véus ondulando
De pura cecém!
Que anéis de cabelo
Nos ombros de gelo,
No colo tão belo
Caindo ao desdém!

Descendo, descendo,
Já perto chegou;
E a pobre tremendo
Calada ficou;
E o anjo sorria
Com doce magia,
E à terra descia,
Na terra pousou.

E em roda mil lumes
De brilho sem fim
Lançava, e perfumes
De nardo e jasmim;
E a voz argentina,

Suave, divina,
Soltou peregrina
Falando-lhe assim:

“O que fazes, Agar, porque choras?
“Nada temas, não tens que temer;
“Se o teu filho perdido deploras,
“Esses prantos converte em prazer.

“Do deserto chegou seu gemido
“Às alturas que habita o Senhor:
“Surge, surge, e teu filho querido
“Vai ao longe buscar sem temor!

“Surge, surge, recobra a esperança
“Que as promessas cumpridas serão!
“O teu filho, o Senhor to afiança,
“Será pai duma grande nação.

“Glória a Deus, que no céu ouve as mágoas
“De quem sofre na terra a carpir!
“Eis um jorro de límpidas águas:
“Ide nelas a sede extinguir!”

E, assim dizendo, lhe mostrava perto
Uma fonte escondida entre verduras,
Como nunca se vira no deserto,
De tão grato frescor, d'águas tão puras.

Depois, batendo as esmaltadas penas,
Deixou na terra um luminoso traço;
E, agitando seu manto d'açucenas,
Sumiu-se ao longe na amplidão do espaço.

Erguendo aos céus a radiosa frente,
A pobre mãe ao Senhor Deus louvava;
E, enchendo o vaso no cristal da fonte,
Com ele ao filho a salvação levava.

MARIA, A CEIFEIRA
(IMITAÇÃO DE UHLAND)

“Bons-dias, Maria: da lida do prado

“Nem mesmo te afastam cuidados d'amor,
“Se ao fim de três dias mo deixas ceifado
“A mão do meu filho te quero propor.”

Promessa é do rico, soberbo rendeiro:
Maria, oh! quão ledó seu peito bateu!
Seus olhos brilharam, seu braço ligeiro
Mais forte nas messes a foice moveu.

Soou meio-dia: que ardente segura:
Já todos demandam a fonte, o pinhal;
Somente nos ares a abelha murmura:
Maria não pára, que é sua rival.

O sol esmorece, bateram trindades:
Debalde o vizinho lhe grita: bastou!
Zagais e ceifeiros se vão às herdades
Maria, c'oa foice, lidando ficou:

O orvalho desliza; desponta a seu turno
A estrela no espaço, na selva o cantor;
Maria, insensível ao bardo noturno,
A foice incansável agita ao redor.

Os dias e as noites assim por tais modos,
Nutrida d'amores, mal sente passar,
Três dias findaram: oh! vinde ver todos
Maria ditosa d'esp'rança a chorar.

“Bons-dias, Maria; já tudo ceifado!
“Lidaste deveras: a paga há de ter.
“Enquanto a meu filho, foi graça o tratado;
“Quão loucos e simples o amor nos faz ser!”

Tal disse, e passava... no peito constante,
Ai pobre Maria, que transe cruel!
Teu corpo formoso tremeu vacilante,
E exausta caíste, ceifeira fiel.

Um ano a coitada, sozinha consigo,
Vivendo de frutos, vagou sem falar...
No prado mais verde cavai-lhe o jazigo:
Ceifeira como esta jamais heis de achar.

A MONJA

(TRADUÇÃO DE UHLAND)

Sobre os jardins da clausura
Brilha da lua o fulgor;
Jovem monja entre a verdura
Lá divaga e a face pura
Lhe banham prantos d'amor:

“Doce amigo, que tão cedo
Foste na campa habitar,
Posso eu amar-te em segredo?
Ai, posso! aos anjos, sem medo
Nosso amor podemos dar.”

Aos pés da Virgem que adora
Trémulos passos detém;
O doce olhar da Senhora
Lhe faz brilhar, como a aurora,
O rosto cor de cecém.

Na terra fria ajoelhando,
À Virgem Santa rezou:
Pôs nela os olhos chorando,
E o longo véu abaixando,
Muda e tranquila expirou.

O FIRMAMENTO

Ao meu amigo J. S. da Silva Ferraz

Glória a Deus! eis aberto o livro imenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escrito.
Eis do teu tabernáculo corrida
Uma ponta do véu misterioso:
Desprende as asas retomando a vida,
Alma que anseias pelo eterno gozo!

Estrelas, que brilhais nessas moradas,
Quais são os vossos destinos!
Vós sois, vós sois as lâmpadas sagradas

De seus umbrais divinos.
Pululando do seio onipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faíscas do seu carro ardente
Ao rolar através da imensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
Um sol que apenas vejo,
Monarca doutros mundos como a terra
Que formam seu cortejo.
Ninguém pode contar-vos: quem pudera
Esses mundos contar a que dais vida,
Escuros para nós qual nossa esfera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

Mas vós perto brilhais, no fundo acesas
Do trono soberano:
Quem vos há de seguir nas profundezas
Desse infinito oceano?
E quem há de contar-vos nessas plagas
Que os céus ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sustém as vagas
Dos sóis que um dia romperão na altura?

E tudo outrora na mudez jazia
Nos véus do frio nada:
Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada.
Ele falou! e as sombras num momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Ele falou! e o vasto firmamento
Seu véu de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gira
Imerso em seus fulgores;
E cada mundo é sonora lira
Cantando os seus louvores.
Cantai, ó mundos que seu braço impele,
Harpas da criação, fados do dia,
Cantai louvor universal Àquele
Que vos sustenta, e nos espaços guia!

Terra, globo que geras nas entranhas
Meu ser, o ser humano,

Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,
E com teu vasto oceano?

Tu és um grão d'areia arrebatado
Por esse imenso turbilhão dos mundos
Em volta do seu trono levantado
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho,
Que soberbo te elevas.

Buscando sem cessar abrir caminho
Por tuas densas trevas!

Que és tu com teus impérios e colossos?
Um átomo subtil, um frouxo alento:
Tu vives um instante, e de teus ossos
Só restam cinzas que sacode o vento.

Mas ah! tu pensas, e o girar dos orbes
À razão encadeias;

Tu pensas, e inspirado em Deus te absorves
Na chama das ideias:

Alegra-te, imortal, que esse alto lume
Não morre em trevas dum jazigo escasso!
Glória a Deus, que num átomo resume
O pensamento que transcende o espaço!

Caminha, ó rei da terra! se inda és pobre,
Conquista áureo destino,

E de século em século mais nobre
Eleva a Deus teu hino!

E tu, ó terra, nos floridos mantos
Abriga os filhos que em teu seio geras,
E teu canto d'amor reúne aos cantos
Que a Deus se elevam de milhões d'esferas!

Dizem que já sem forças, moribunda,
Tu vergas decadente:

Oh! não, de tanto sol que te circunda
Teu sol inda é fulgente.

Tu és jovem ainda: a cada passo
Tu assistes dum mundo às agonias,
E rolas entretanto nesse espaço
Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! além cintila

Hoje um astro brilhante;
Amanhã ei-lo treme, ei-lo vacila,
E fenece arquejante:
Que foi? quem o apagou? foi seu alento
Que extinguiu essa luz já fatigada;
Foram séculos mil, foi um momento
Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem o sabe? um dia, ao peso
Dos anos e ruínas,
Tu cairás nesse vulcão aceso
Que teu sol denominas;
E teus irmãos também, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflama,
Atraídos enfim, quais borboletas,
Cairão como tu na mesma chama.

Então, ó sol, então nesse áureo trono
Que farás tu ainda
Monarca solitário, e em abandono,
Com tua glória finda?
Tu findarás também, a fria morte
Alcançará teu carro chamejante:
Ela te segue, e profetisa a sorte
Nessas manchas que toldam teu semblante.

Que são elas? talvez os restos frios
Dalgum antigo mundo,
Que inda referve em borbotões sombrios
No teu seio profundo.
Talvez, envolto pouco a pouco a frente
Nas cinzas sepulcrais de cada filho,
Debaixo deles todos de repente
Apagarás teu vacilante brilho.

E as sombras pousarão no vasto império
Que teu facho alumia;
Mas que vale de menos um saltério
Dos orbes na harmonia?
Outro sol como tu, outras esferas
Virão no espaço descantar seu hino,
Renovando nos sítios onde imperas
Do sol dos sóis o resplendor divino.

Glória a seu nome! um dia meditando
Outro céu mais perfeito,
O céu d'agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito.
Então, mundo, estrelas, sóis brilhantes,
Qual bando d'águas na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no caos do universo.

Então a vida, refluindo ao seio
Do foco soberano,
Parará, concentrando-se no meio
Desse infinito oceano;
E, acabando por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na imensidade –
O silêncio aguardando a voz futura,
O trono de Jeová, e a eternidade!

TRISTEZA

Extingue-se o ano, são findos os dias
Que os vales encheram de próspera luz;
O inverno c'roado de névoas sombrias,
Seus pálidos gelos à terra conduz.

O rio em torrentes inunda as campinas,
As veigas perderam seu flóreo matiz,
Pesada tristeza reveste as colinas,
E as selvas que há pouco sorriam gentis.

Em tudo a meus olhos avulta uma imagem
De triste abandono, de mística dor:
Apraz-me este luto que veste a paisagem,
Apraz-me esta cena d'extinto verdor.

Como estas campinas outrora florentes,
Meus dias formosos floriram também;
Como elas agora, meus dias cadentes,
Despidos d'encantos, já viço não tem.

Quão rico de gozos o tempo corria!
Quão triste o presente, quão pobre ficou!
Só resta a saudade, qual vaga harmonia

Que uma harpa noturna de longe soltou.

Mas essa que vale, perdida a esperança?
Que vale um passado que já não é meu?
ã flor desbotada que importa a lembrança
Da aurora suave que aroma lhe deu?

Um dia outra quadra mais bela e mais pura
Virá de boninas ornar os vergéis;
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura
Sois findos pra sempre, jamais voltarei.

Sondando o futuro, minha alma conhece
Que os ermos do mundo já rosas não tem:
Já tudo sucumbe, já tudo fenece,
O sol da ventura, e a esp'rança também.

Té mesmo em meu peito vacila agitada
A chama da vida perdendo o calor;
Meus dias declinam qual luz desmaiada
Que doura as montanhas com túbio fulgor.

Se tudo, ah! se tudo findou no passado,
Se as trevas se estendem nos céus do porvir,
Que esperas, minha alma? do livro do fado
São negras as folhas: só resta partir.

Ao longe, quem sabe? sulcando as alturas,
Jardins mais formosos verás na amplidão,
De flores eternas, d'eternas verduras
Que os gelos da terra jamais secarão.

Temendo os rigores do outono vizinho,
As aves adejam buscando outros céus:
Tu és, ó minha alma, qual ave sem ninho, –
Procura outros climas, rasgando os teus véus!

A MÃE E A FILHA

– Filha, filha, que linda alvorada!
Anda ver este sol ao nascer:
Há três dias que gemes deitada.
Mas já hoje sorris de prazer.

– Oh! que sonhos d'encantos divinos!
Tudo em roda luzia em fulgor,
E mil anjos cantavam seus hinos
Em jardins d'açucenas em flor.

Era longe dos olhos humanos,
Numa terra mui longe daqui...
Oh! que mundo tão livre d'enganos!
Oh! que vida que nele vivi!

– Olha o sol que tão belo se esconde
Nas montanhas sombrias d'além...
Tão calada, tão triste! responde,
Que tens tu, minha filha, meu bem?

Vou na pátria d'eternos amores,
Vou ao longe ditosa viver,
Mas, no seio de mundos melhores,
Ai! não te hei de a meu lado já ver!

Eis um anjo que desce os espaços...
Que harmonias! que brilho sem fim!
Mãe, oh mãe, dá-me ainda os teus braços..
Já não sofro, não chores por mim.

IDADE MÉDIA

Pelos salões e terrados
Passeia o conde a gemer.
É sombrio o seu aspecto,
Nada lhe causa prazer.
Os servos tremem ao vê-lo,
Nem sequer lhe ousam falar.
Vagam sombras, alta noite,
No castelo, à beira-mar.

Vive assim desde que a morte
A dois inocentes deu,
Causando também a doutro
Que por amor os perdeu.
Que noite aquela de sangue
Para o seu nobre solar!

Vagam sombras, alta noite,
No castelo à beira-mar.

Chegara o conde uma tarde
Das guerras contra o Almanzor:
“Alguém há, lhe diz seu aio,
Que vos desonra, senhor
Velai no jardim à noite...”
Mais não quis acrescentar.
Vagam sombras, alta noite,
No castelo, à beira-mar.

Brilhara a lua formosa
Nos laranjais e jasmins,
.....
.....

Um trovador, junto à fonte,
Começara o seu cantar...
Vagam sombras, alta noite,
No castelo, à beira-mar.
.....
.....

Eis-me aqui, diz ao amante,
E nos braços lhe caiu;
Na frente de puro jaspe
Ele um beijo lhe imprimiu.
Quis falar-lhe, mas um ferro
Sobre o peito viu brilhar...
Vagam sombras, alta noite,
No castelo, à beira-mar.

Mas logo, junto do conde,
Ressoa um grito cruel:
Matai-me, senhor, matai-me!
Vossa esposa era fiel;
Com as vestes da condessa,
Quis meu amor ocultar...
Vagam sombras, alta noite,
No castelo, à beira-mar.

Era da aia da condessa
Essa voz que tal lhe diz.

Ele estremece, olha em sangue,
Banhada, a esposa infeliz.
Vingativo, cravo o ferro
Na donzela sem falar...
Vagam sombras, alta noite,
No castelo, à beira-mar.

Desde essa noite funesta,
Nunca mais sentiu prazer.
Pelos salões solitários
Passeia triste a gemer.
Dizem todos em segredo
Que os mortos lhe vêm falar.
Vagam sombras, alta noite,
No castelo, à beira-mar.

NUM ÁLBUM

(Do Ex.mo Sr. A. M. Cabral)

Que valem versos escritos
Sem o ardor da inspiração,
Sem que por céus infinitos
Esvoace o coração?
A poesia é só poesia
Quando eleva a fantasia
Às regiões do ideal;
Doutra sorte é apenas verso,
Som pelo vento disperso,
Murmúrio que pouco vale.

É por isso que apagada
Sentindo a chama sagrada,
Meu nome vou escrever:
Se é pobre, melhor escolha
Fazei volvendo esta folha,
E na seguinte ide ler.

O MOSTEIRO DA BATALHA

Pulemos a lira, que além se levanta
Padrão de vitória que imenso reluz!
Um templo e altares à Mãe sacrossanta;

Um templo, um poema que altivo descanta
Grandezas da pátria nos átrios da cruz.

Grandezas da pátria quem traz à memória
Que o peito não sinta d'orgulho bater?
Pulsemos a lira! do livro da história
Volvamos as folhas, que a musa da glória
Em nuvens etéreas sentimos descer!

Eis já d'Aljubarrota nas campinas
Se encontram as hostes contendoras.
Daqui tremulam portuguesas quinas:
D'além as castelhanas invasoras.
Daqui é João primeiro, cuja lança
A coroa defende e a pátria cara:
D'além o estranho rei, pedindo a herança
Da princesa Beatriz que desposara.

Refulge o sol nas armas, os cavalos
Rincham fogosos, escarvando a terra;
Dum lado e doutro os chefes a intervalos
Correm as alas animando à guerra.
Pouco avultam as hostes portuguesas;
Tremendo é de Castela o poderio;
Mas quem à pátria negará proezas
D'alto valor, e generoso brio!

A véspera é do dia consagrado
À Assunção gloriosa de Maria;
Os olhos levantando, o rei soldado:
“Senhora, exclama, nosso esforço guia!
“Se vencermos, um templo majestoso
“Te erguerei sobre o campo de batalha!”
Diz, e esporeando seu corcel fogueiro
Brios em todos com sua voz espalha.

Soam trombetas; o sinal é dado;
Flutuam soltos os pendões na frente:
– São Tiago! – brada o castelhano ousado;
– São Jorge e avante! – a portuguesa gente.
Rédeas soltando, os esquadrões galopam,
E dão em cheio com furor insano,
Como torrentes que no vale se topam,
Ou como as ondas no revolto oceano.

Retine o ferro, a multidão se agita;
As achas d'armas, os broquéis lampejam;
Peões, ginetes, com medonha grita,
Num mar de sangue em turbilhão pelejam.
O sol já desce a mergulhar no oceano,
E inda referve a encarniçada lida;
Eis redobra d'esforço o lusitano,
E o estrangeiro leva de vencida.

Foge o rei castelhano espavorido;
Fogem os seus em debandada solta;
Persegue-os João primeiro, e destemido
A gozar do triunfo ao campo volta.
Já se erigem troféus, já resplandece
O céu da pátria co fulgor da glória;
Faltava o monumento que dissesse:
– Foi aqui! eis o campo da vitória!

**

E ei-lo aí que se levanta
Com majestosa grandeza,
Daquela gentil proeza
Sublime recordação:
Fi-lo aí aos céus erguido,
Como um colosso gigante
Apontando ao caminhante
O sítio da grande ação.

Altos pórticos, labores
D'ostentosa arquitetura,
Coruchéus d'imensa altura
Roçando a fronte nos céus;
Dentro, a nobre majestade
Do santuário profundo,
Onde, extinta a voz do mundo,
Só lembra o passado, e Deus.

Sobre os góticos pilares
Brilham trêmulos fulgores,
Que das vidraças de cores
Entorna a mística luz.
Tudo cala, mas, se o órgão

Por entre as naves ressoa,
Tudo se anima, e apregoa
O santo Verbo da cruz.

Então a mente se enleva
Nas torrentes da harmonia
Que da abóbada vazia
Retumbam pela multidão;
E, abrasada nos fulgores
Dos vivos, sagrados lumes,
Sobre as asas dos perfumes
Revoa à etérea mansão.

Se tudo cai em silêncio,
Cai em si mesma, e medita,
Recordando a data escrita
Nesses góticos umbrais.
Pensa então nos heroísmos,
E crenças de meia idade,
Combatendo a escuridade
Daqueles tempos feudais;

Pensa nos vultos heróicos
Dos antigos cavaleiros,
E em nossos feitos guerreiros
Pela pátria e pela cruz;
Pensa na grande vitória
Que nos fez independentes,
E que aos olhos dos presentes
Nesse moimento reluz;

Pensa num povo pequeno
Mas esforçado e guerreiro,
Triunfando do estrangeiro
À voz do rei popular;
Pensa no mestre valente;
E sua sombra gigante
Parece às vezes distante
Entre as colunas vagar.

E pensa também no artista,
Nesse arquiteto inspirado,
Que um poema sublimado
Ali traçou a cinzel;

Que cego da luz dos olhos
Acendeu a luz do engenho,
E consumou seu empenho,
Ao grande assunto fiel.

E Afonso Domingues surge
Nesse padrão sobranceiro
Ao lado de João primeiro,
Seu imortal fundador;
Reis ambos: um pelo berço,
Que lhe deu sua nobreza:
Outro, rei pela grandeza
Do seu gênio criador.

Lá dormem! um rodeado
Dos brasões da sua glória,
Como depois da vitória,
Sob a tenda a descansar;
Outro à sombra desses tetos
Em campa singela e nua,
Como querendo a obra sua
D'além da tumba guardar.

**

E lá dormem também outros que a morte
Juntou à sombra do lugar sagrado,
D'infantes e de reis alta corte,
Servindo de cortejo ao rei soldado.

Reunidos enfim no chão funéreo,
Fernando, Pedro, e Henrique, os três infantes;
Henrique, o sábio audaz que outro hemisfério
Primeiro abriu aos lusos navegantes.

Duarte e João segundo descansando
D'altas vitórias na mansão tranquila;
Afonso quinto c'os lauréis sonhando
D'Alcácer, Tânger, e da forte Arzila.

E no sopro do vento que perpassa,
E lhes roça nas frias sepulturas,
Parecem murmurar em voz escassa,
E agitar suas ferozes armaduras.

E lá quando o luar pelas janelas
Lhes escoa nas lápides marmóreas,
Talvez erguidos se recostam nelas
A falar entre si de nossas glórias.

Dormi em paz, ó chefes do passado,
Heróico fundador, prole valente;
Dormi em paz no túmulo calado,
Recordando os lauréis da vossa gente.

Enchei em roda os penetrais divinos
De vossos gloriosos esplendores;
E se tendes poder sobre os destinos,
Defendei-os do tempo e seus furores.

Que as gerações passando reverentes
Possam, volvendo as páginas da história,
Largas eras saudar, curvando as frentes,
Esse padrão d'immerdoira glória!

DESALENTO

Cansado, ai! já cansado, quando a vida
Em flor nascente desabrocha ao mundo!
Quando a esperança, d'ilusões vestida,
Sorri a todos num porvir jucundo!

Alma que gemes em letal quebranto,
Desprende as asas nos vergéis celestes!
Amor, glória, prazer, dai-me inda o encanto
Que nos dias passados já me destes!

Mas que é o amor da terra? luz divina
Que mal desce do céu logo se apaga;
Cândida rosa que o tufão inclina,
Que o tempo e a morte desfolhando esmaga.

Doces imagens que em ditoso enleio
Cerquei outrora d'ilusão infinda,
D que é feito de vós? ai! neste seio
Viveis apenas, se viveis ainda.

E tu, que és tu, ó glória? um som que passa,
E de século em século retumba,
Mas que a frígida lousa não traspassa
De quem já dorme na calada tumba.

Astro que brilha e queima, espectro ovante
Que a desgraça acompanha, e o gênio ilude:
Vós o sabeis, Camões, e Tasso, e Dante,
Vós que gemeis ainda no ataúde.

Que é o gozo, o prazer? fumo d'incenso
Que embriaga um momento, e se evapora;
Que é o saber, a ciência? espaço imenso
Em que a verdade mal reluz na aurora.

Que é este mundo, que eu sonhei tão belo?
Profundo abismo de tormenta escura;
Que é pois a vida? um fadigoso anelo
Que levamos do berço à sepultura.

A morte! oh! se além dela o porto amigo
Nos surgisse afinal ledo e formoso!
Se nesses mundos da esperança abrigo
Despontasse outro sol mais bonançoso!

Mas quem sabe da morte? o ouvido atento
No silêncio das campas nada escuta;
E Sócrates não diz se um novo alento
Achou, bebendo a gélida cicuta.

Senhor, Senhor, por que vim eu ao mundo,
E qual é sobre a terra o meu destino,
De mim que homem geraste, e que fundo
Deste vale d'angústia erro sem tino?

Infeliz de quem nasce! a ave que gira,
A fera, o tronco, o verme que rasteja
Também nasceu, mas esse nada aspira,
Ou se aspirou alcança o que deseja.

E o homem nasce, pensa, e aspira ansioso
Às ilusões que a mente lhe depara,
E a cada passo lhe esmorece o gozo,
E acha só trevas onde luz sonhara.

E caminha, e caminha, e sem alento
Cai abismado no seu térreo leito,
Onde após a fadiga e o sofrimento
A lousa sepulcral lhe esmaga o peito.

Aqui, de dor um pélago profundo;
Além, os vermes da feral jazida;
Senhor, Senhor, por que vim eu ao mundo?
Por que do nada me chamaste à vida?

NUM ÁLBUM

(Do Ex^o Sr. Gaspar de Queiroz)

Nossas lides findaram. Chega o dia
de deixar estas margens bonançosas,
onde colhemos as purpúreas rosas
da ciência, do amor, e da poesia.
Quem sabe, amigo, o que a fortuna ímpia,
nos guarda em suas ondas procelosas?...
apertemos as destras extremosas,
como quem um adeus eterno envia.
Errante, ou do teu lar no doce abrigo,
recorda-te daquele a quem o fado,
em serena amizade uniu contigo.
Lembrança desse tempo que é passado,
meu nome aqui te deixo: o teu, amigo,
dentro do coração levo gravado.

CONSOLAÇÃO

Quando nas trevas de minha alma aflita
A procela da dor mais se encapela,
E o desalento, a dúvida, e a descrença
C'óas negras asas me escurece o dia,
A ti, ó Deus, a ti com mais esforço,
Através do infinito onde te escondes
Busco elevar-me, demandando auxílio;
E tu, Senhor, descendo a quem te chama,
Fulguras entre as sombras, e a tormenta
Que dentro d'alma rebramia fera,
Vai pouco e pouco serenando as iras.

**

Bem hajas! quem te procura
Jamais te procura em vão:
Tu desces, e a noite escura
Se volve em doce clarão;
Tu desces e a luz da esp'rança,
Como estrela de bonança,
Brilha no mar da aflição.

A vida é triste: no mundo
Sofremos até morrer;
Mas, Senhor, quem sonda a fundo
Mistérios do teu poder?
A vida é triste, mas breve;
E o futuro que se eleve,
Eterno, imenso há de ser.

Mundos e mundos no espaço
Vão rolando à tua voz,
Presos em místico laço
Nesses jardins sobre nós;
E tudo canta à porfia
Aquela grande harmonia
Que ensinam teus anjos sós.

Tudo folga: só na terra
Há de o homem padecer?
Acaso tão pouco encerra
Seu fado? não pode ser.
Se o homem foi obra tua,
Neste mar em que flutua
Há de um porto enfim haver.

Bem hajas! a dor e o pranto
Vem de ti, do teu amor;
São crisol augusto e santo
Que nos apura em fulgor;
São a chama, o fogo intenso,
Que nos ergue como incenso,
E a teus pés nos vai depor.

Tu sabes porque sombria

Vaga a noite na amplidão,
Porque a terra se anuvia,
E ruge irado o tufão:
É que o dia segue a noite,
E das procelas no açoite
Se esconde a flórea estação.

Bem hajas, Senhor, bem hajas!
O teu poder nos conduz;
Se de luto um dia trajas,
Outro dia além reluz.
Neste giro sempiterno,
Vem o estio após o inverno,
E após as sombras a luz.

Bem hajas! feliz no mundo
Quem tua face entrevê,
E deste abismo profundo
Se ergue nas asas da fé!
Feliz quem sorrindo às vagas,
De olhos fitos sobre as plagas,
Espera, confia e crê!

O BUÇACO

Oh! salve, irmão do Líbano,
Que altivo ergues a fronte,
Monarca destas serras,
Senhor da solidão!
Salve, gigante cúpula,
Que ostentas no horizonte,
Erguida sobre as terras,
A cruz da Redenção!

Em teus agrestes píncaros
O homem vive e sente
Mais longe deste mundo,
Mais próximo dos céus:
Por isso, nos seus êxtases,
O monge penitente
Aqui meditabundo
Se erguia aos pés de Deus.

Por largo tempo o cântico
Do pobre cenobita
Soou na ermida rude
Da tua solidão:
Hoje o silêncio lúgubre
Somente nela habita,
Silêncio d'ataúde
Em fúnebre mansão.

Porém se os coros místicos
Findaram sua reza,
Se a voz do santo hosana
Em ti já feneceu;
Tu vives, e inda incólume
Ao Deus da natureza,
Calada a voz humana,
Descantas o hino teu.

Oh! como és belo, erguendo-te
À luz do novo dia,
Que os mantos de verdura
Te banha de fulgor!
Quando o gemer dos zéfiros,
Das aves a harmonia,
Acordam na espessura
Louvando o Criador!

Mas quanto mais esplêndido
Serás quando a tormenta,
Sublime, rugidora,
Em teu regaço cai!
Quando de mil relâmpagos
Teu cume se apresenta
C'roadado, como outrora
O fulgido Sinai!

Quando os tufões indômitos,
Rugindo nas escarpas,
Se abraçam às torrentes
Com hórrido fragor!
Depois, em negro vórtice,
Desferem nas mil harpas
De teus cedros ingentes
Um cântico ao Senhor!

Tu és grandioso; o ânimo
Que a sós aqui medita
Recolhe altas imagens
De santa inspiração.
Oh! porque veio túrbida
A guerra atroz, maldita,
Soltar nestas paragens
As vozes do canhão?

Dum lado eram as bélicas
Hostes de Bonaparte;
Do outro heróico e ufano
O povo português:
A liberdade e a pátria,
Ergueu seu estandarte,
E a história do tirano
Contou mais um revés.

Tudo passou: sumiram-se
Vencidos, vencedores;
Té mesmo do gigante
Soou a hora fatal;
Só tu, sorrindo impávido
Do tempo e seus furores,
Inda ergues arrogante
Teu vulto colossal.

E cada vez que fulgido
Renasce o novo dia,
De nova luz te banhas,
Despindo os negros véus;
E dizes, em teu júbilo,
Ao sol que te alumia:
– O rei destas montanhas
Saúda o rei dos céus.

Depois, ao vê-lo pálido
Nas vagas do horizonte,
Pareces ao mar vasto
Dizer com altivez:
Em teu regaço, ó pélagos,
Tu lhe sumiste a frente:
Avança, que de rasto

Virás beijar-me os pés.

A FONTE DOS AMORES

Eis os sítios formosos, onde a triste
Nos dias d'ilusão viveu ditosa;
Eis a fonte serena, e os altos cedros
Que os segredos d'amor inda lhe guardam.
Oh! quantas vezes, solitária fonte,
Após longo vagar por esses campos
Do plácido Mondego, nestas margens
A namorada Inês veio assentar-se,
E ausente de seu bem carpir saudosa,
Aos montes e às ervinhas ensinando
O nome que no peito escrito tinha!
E quantas, quantas vezes no silêncio
Desta grata soidão viste os amantes,
Esquecidos do mundo e a sós felizes,
Nos êxtases da terra os céus gozando!

Pobre, infeliz Inês! breves passaram
Os teus dias d'amor e de ventura.
Ao régio moço o coração renderas,
E o que em todos é lei, em ti foi crime.
Eis do bárbaro pai, do rei severo,
Se arma a destra feroz, ei-lo que aos sítios
Onde habitava amor conduz a morte.
Distante do teu bem, ao desamparo,
Ai! não pudeste conjurar-lhe as iras.
Debalde aos pés d'Afonso lacrimosa
Pediste compaixão; debalde em ânsias
Abraçando teus filhinhos inocentes,
Os filhos de seu filho, a natureza
Invocaste e a piedade: a voz dos ímpios,
Dos vis algozes, te abafou as queixas,
E o cego rei te abandonou aos monstros.
Ei-los a ti correndo, ei-los que surdos
Aos ais, aos rogos que tremendo soltas,
No palpitante seio cristalino,
Que tanto amou, oh bárbaros! os ferros,
Os duros ferros com furor embebem.
Prostrada, agonizante, os doces filhos
Por derradeira vez unes ao peito,

E de teu Pedro murmurando o nome,
Aos inocentes abraçada expiras.

Inda, infeliz Inês, inda saudosos
Estes sítios que amavas te pranteiam.
As aves do arvored, os ecos, brisas,
Parecem murmurar a infanda história;
Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte,
A fonte dos amores, dos teus amores,
Como que em som queixoso inda repete
Às margens, e aos rochedos comovidos
Teu derradeiro, moribundo alento.

A UM TEATRO ACADÊMICO

Abrindo sepulcros, rasgando mistérios,
Quem mortos gelados levanta de pé?
Quem varre c'os asas as cinzas d'impérios,
E os vultos heróicos anima, quem é?

Quem tira do nada uma forma divina?
Quem finge uma imagem de negro terror?
Quem ergue virtudes, e o crime fulmina?
Quem risos excita, quem prantos de dor?

– O gênio do drama e o gênio da cena! –
São eles que traçam, em véu d'ilusões,
D'Amor, de ciúme, de riso, e de pena
O jogo travado, falando às paixões.

São eles unidos que em chama inquieta
Sentiu Gil Vicente na fronte escaldar?
São eles que o bardo da terna Julieta,
E a fronte de Talma vieram c'roar.

São eles, mancebos, que em nuvens de flores
A senda apontaram que afoitos seguis,
De palmas e c'roas, de magos fulgores,
Mas senda d'espinhos; co gênio condiz.

Em nobre fadiga, que os ócios despreza,
D'acerbos estudos assim descansais!
Foi belo o desígnio, difícil a empresa:

Quem logra nas artes repouso jamais?

Que importa? na luta se provam alentos,
Somente na luta se colhem lauréis;
Aos peitos ardentes, de glória sedentos,
Reluz a bonança por entre os parcéis.

Avante! e que o gênio das artes potente
D fogo das artes vos possa trazer!
Que em cenas de prantos o pranto rebente,
Que em cenas alegres se goze o prazer.

As artes e as letras nasceram amigas:
Às aras das duas incensos levai,
E os louros colhidos em sábias fadigas,
Os louros do palco viçosos juntai!

NUM ÁLBUM

Do sofrimento o arcanjo lamentoso
Sobre a face do mundo estende o braço;
Um diadema ofertava, e pavoroso:
“Para o que mais sofreu!” gritou no espaço.

Eis logo imensa turba se atropela,
Todos querem ganhar a prenda infausta;
Mas nenhum dos que chegam por obtê-la
Mostrava a taça da amargura exausta.

“Afastai-vos!” lhes brada o gênio esquivo,
“Nenhum tocou do sofrimento a meta:
“Tu, só tu mereceste o prêmio altivo;
“Ergue a frente, coroa-te, poeta!”

NO ÁLBUM

DO DR. MANUEL TEIXEIRA PINTO

Um nome é uma lembrança: neste mundo
De que servem lembranças e memórias?
Tudo se esvai no pélago profundo
Que sorve gerações, vidas e glórias.

Tudo se esvai na tumba regelada,
Tudo morre, afinal tudo se esquece,
E após o esquecimento resta o nada,
Como os espaços onde um som fenece.

Busquemos, já que tudo se consome,
Busquemos à memória um doce abrigo;
Eu só quisera soletrar meu nome
Gravado em mais dum coração amigo.

Porto – Agosto de 55.

JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO

Vinte anos! Ai, bem cedo arrebatado
O guardaste no seio, oh campa fria!
Flor passageira, sucumbiste ao fado,
E seus perfumes exalou num dia.

Quanta ilusão desfeita em seu transporte?
Sonhou glórias talvez, sonhou amores!
Tudo, tudo aqui jaz! Carpi-lhe a sorte,
Derramai-lhe na tumba algumas flores.

À MORTE DO TALENTOSO JOVEM HELIODORO AUGUSTO DE SOUSA

Passou por junto dele revoando
O arcanjo do Senhor:
Tocou-lhe com as asas perpassando,
E a vida lhe ceifou qual tenra flor!...

Poucos passos no mundo apenas dera...
Ai! mancebo, era ainda a primavera
Sua quadra louçã...
Ainda da existência os amargores
Os sorvia entre aromas, entre flores,
Da vida na manhã!

Porém na primavera eis arrebenta
O vulcão, e ao embate da tormenta,
Cai o lírio do vale:
Da vida na manhã eis soa a hora,

E a existência a sorrir inda na aurora
Cai ao brado fatal!

Oh! meu Deus, porque à morte assim condenas
A flor que o seio tímido abre apenas
Do sol ao resplendor!
Porque assim a desfolhas indiferente,
Remessando-a dos tempo na corrente,
Desbotada e sem cor?

**

É noite, na escura igreja
Vê-se passar um caixão...
Luz de tochas relampeja,
O sino brada: – oração!...
Eram tão negras as telas
Em que a chama dessas velas
la soturna expirar!...
Era tão negro o esquife,
Aquele triste recife
Em que se vai naufragar!...

Quem vinha na fria tumba?
Por quem era o funeral?
O brado que além retumba
Com estridor sepulcral?
1: que há pouco ainda havia
Um coração que batia
Em Juvenil pulsação.
Havia um peito que amava,
Uma fronte que pensava
E que gelados estão...

Ai, dessa tão curta vida
Toda esp'rança e juventude
Que restava? – uma jazida
Nas tábuas dum ataúde...
Restava uma mão gelada,
Uma face descorada
Como o mármore dum cruz...
Restava uma testa fria,
Um seio que não batia,
Uns olhos mortos à luz!

Mas já cessara o memento...
Tudo na igreja calou...
Eis que um triste saimento
Dali a tumba levou...
Aonde? – ao leito gelado...
Porém que importa o finado,
E onde o foram conduzir
Que te importa a ti, ó mundo
Com esse sono profundo
Que o cadáver foi dormir?...

Mas o sino lá na torre
Sempre – Morte! – a retumbar
E o brado que ao longe morre
O cadáver a chamar...
O luar no cemitério
Brilhava com tal mistério!...
Com tão sinistro fulgor!
A terra estava tão fria!
O mocho que lá carpia,
Inspirava tanto horror!

E em mim recolhido
Pensei no coitado,
Ao mundo trazido
Pra ser já ceifado
Tão cedo em botão...
E a fronte pendida,
No peito caída,
E os olhos no chão,
Meus lábios tremeram...
O que eles disseram,
Oh! não sei eu, não!...
Nem sei se rezei,
Se ali blasfemei...

**

Perdão. Perdão, meu Deus, tu és imenso...
Tu recolhes nos céus o sacro incenso,
Deixando à terra a cinza sem valor:
À terra deixas vir noite sombria,
Mas logo no oriente o novo dia

Lá mostras em fulgor!

Que vale, Senhor, a morte, quando a alma
Voa a ti, qual incenso, roto o véu?
Que vale da tumba a noite, quando a palma
Tu lhe of'reces da aurora lá do céu?

Silêncio, pois, homem, silêncio, não murmures,
Sondar os seus mistérios não procures,
Curva a fronte no chão!
Quem põe freio de bronze ao mar irado,
Quem povoa do mundo c'um só brado
Dos céus a imensidão?

Quem só com leve aceno a terra abala,
Quem cerce p'la raiz c'um sopro estala
O cedro secular,
Acaso sobre o chão, livre e sem custo,
Não pode derribar o pobre arbusto
Que fizera também do chão brotar?

**

Feliz tu que buscaste um asilo
Entre os coros dos anjos no céu;
Que sorris desse porto tranquilo
Ao furor do mundano escarcéu.

Qual a pomba do arroio à beira,
Mal a onda acabou de tocar,
Parte logo voando ligeira
Doces brisas no céu a aspirar.

Assim tu, assim tu peregrino
Cá na terra onde o gênio é cruz,
Procurando o teu foco divino
Revoaste à origem da luz.

Não tardou que aos irmãos que choravas
Lá te foste no céu confundir
E que aos entes que tanto amavas
Para sempre te fosses unir...

Oh! que hinos de maga doçura,

Oh! que hosanas celestes d'amor,
Num abraço de meiga ternura
Se elevaram de vós ao Senhor!

Mas se ainda em presença do Eterno
Entre os gozos é dado chorar,
Oh! dizei, no amplexo fraterno
Não sentistes o pranto assomar?

Um suspiro, uma prece piedosa
Não roçou vossos lábios também,
Ao pensar que deixastes saudosa
A gemer solitária uma mãe?

Oh! mas esse suspiro profundo,
Como prece ao Eterno se ergueu...
O que importa deixá-la no mundo
Se por ela rogais lá no céu!

VISÃO DO RESGATE

Ao meu amigo Alexandre Braga

E eu achei-me assentado solitário
Junto dum grande mar triste e sombrio,
Cujas ondas d'aspecto funerário
Se agitavam, qual trêmulo sudário
Sobre um cadáver macilento e frio.

E eu era triste! sepulcrais gemidos
Me vinham dessas ondas tormentosas;
Seu fragor penetrava em meus ouvidos,
Como o arfar de mil peitos oprimidos
Em duros transes d'afflições penosas.

E por cima na abóbada do mundo
Um véu de nuvens se estendia baço;
Rebramava o trovão rouco e profundo,
E o mar respondia gemebundo,
E a tristeza reinava em todo o espaço.

E um suor frio me escorreu na fronte,
Como o orvalho na cruz dum cemitério;
E cie meus prantos desatou-se a fonte,

E pedi ao Senhor que do horizonte
Me tirasse esta nuvem do mistério.

E o Senhor deu ouvidos a meu rogo,
Pois vi descer a mim do firmamento
Um facho ardente de celeste fogo,
Que as trevas de meus olhos varreu logo,
Qual varre as nuvens num tufão violento.

E eu vi tudo! esse mar de ondas sombrias
Era um mar de nações que se agitava;
E eu conheci que em leito d'agonias,
Chorando em vão seus miserandos dias,
Aquela multidão gemia escrava.

Ali fraco de pavor transido
Arrastava grilhões aos pés do forte;
O perverso ostentava o rosto erguido,
E o justo era qual pombo foragido
Que nas garras do açor encontra a morte.

O mendigo nos átrios do opulento
Pedia amparo e maldições colhia;
O filho do trabalho, sem alento,
Comprava o escasso pão ao avarento
A troco dos andrajos que despia.

E entre as garras da fome devorante
O mancebo lutava enfraquecido,
O velho desmaiava agonizante,
E a mãe sem forças apertava o infante
Ao peito como a urze ressequido.

E um espectro medonho e ensanguentado
Por entre aqueles povos divagava,
Brandindo um ferro com medonho brado;
E o chão que ele pisava era abismado
Como em torrentes d'incendida lava.

É que esses povos, como iradas feras,
Ao seu brado feroz se levantavam:
E a matança era tanta, que disseras
Ver um circo de hienas e panteras
Que entre as garras cruéis se espedaçavam.

E no meio de tudo em alto monte
Se erguia um trono de rubis acesos,
No qual um anjo, coroada a frente,
Dominava soberbo esse horizonte
De povos algemados e indefesos.

E no semblante desse arcanjo ardente
O dedo do Senhor estava escrito;
E eu pude ler-lhe na sombria frente,
Gravadas em caráter refulgente,
As sinistras palavras: – sê maldito!

E outro arcanjo de negras armaduras
De joelhos aos pés se inclinava;
E, infausto mensageiro d'amarguras,
Na sinistra empunhava algemas duras,
Na destra férrea urna sustentava.

E ofertando-lhe a urna com respeito,
Lhe dizia com voz assustadora:
“Anjo do mal, que o homem tens sujeito,
“Neste vaso de dor recebe o preito
“Das lágrimas cruéis que o mundo chora.

“Eis o penhor fiel que a tirania
“Por mim, seu anjo, te conduz às plantas.
“Os humanos resistem noite e dia,
“Mas o laço do amor não concilia
“As suas turbas, que feroz suplantas.

“Mal haja o Cristo, que o amor ensina!
“Seu vil reinado sucumbiu na terra.
“Triunfa, anjo do mal, reina e domina,
“E mil flagelos às nações fulmina,
“De crime, divisões, de luto e guerra!”

E o arcanjo brandindo seu cetro ardente,
Sorria com feroz perversidade:
E ao longe murmurava um som fremente
Como o rugido dum vulcão latente,
Ou a voz de longínqua tempestade.

E eu cedi ao vaivém de minhas mágoas,

Como ao sopro do vento a frágil hera,
Té que uma voz, como a das grandes águas,
De minhas penas abrandando as fráguas,
Me bradou aos ouvidos: – crê e espera!

**

E súbito uma aurora
Serena, refulgente,
Das trevas do oriente
Desfez os negros véus;
Lavrou, como um incêndio,
Nas sombras horrorosas,
E alfim cobriu de rosas
A cúpula dos céus.

E um astro despontando
Na franja do horizonte,
Alçou a meiga fronte
Coberta d'áurea luz:
Sobre ele campeando
Cercada d'alta glória,
Promessa de vitória,
Brilhava a eterna cruz.

E logo ardente nuvem,
Relâmpago soltando,
Baixou do céu, voando
No carro dos trovões;
Bem como de trombeta
Soltava estranho acento,
E prestes como o vento
Rolou sobre as nações.

E nela a glória imensa
Do Deus que o mundo adora
Brilhava como outrora
No topo do Sinai;
E o grito da trombeta
Dizia em som de guerra:
– Surgi, povos da terra,
Num só vos ajuntai! –

E o trono do mau anjo

Tremeu nos fundamentos,
E eu vi passar nos ventos
O espírito de Deus;
Seu brado erguia aos povos,
Bem como a tempestade
Do mar na imensidade
Levanta os escarcéus.

**

E as turbas procelosas remoinharam
Como as areias que o tufão agita:
E alçando todas pavorosa grita,
Com laços fraternais se coligaram.

E enquanto erguiam seus pendões de guerra
Eis que as asas batendo nas alturas,
Cingidos de brilhantes armaduras,
Dois arcanjos pairaram sobre a terra.

Cobriam-lhes as formas delicadas
Escudos e couraças diamantinas,
Áureos elmos as frentes peregrinas,
Nas destras empunhando ígneas espadas.

E eu vi-os, como sóis relampejantes,
Adejarem velozes sobre a terra,
Brandindo irados, em sinal de guerra,
As terríveis espadas flamejantes.

Té que chegado o instante do resgate,
Fitando os povos que os olhavam mudos,
Bateram c'os espadas nos escudos,
Bradando às multidões: – ia ao combate!

**

E os povos ao brado,
Qual mar agitado
Fervendo em cachões,
Erguiam-se fortes
Em densas cortes,
Em mil turbilhões;
E à guerra corriam,

E feros bramiam
Quais feros leões.

Corriam, chegaram,
E o trono cercaram
Do anjo do mal;
Mas ele! – maldito! –
Das lutas o grito
Soltara fatal;
Na mão, qual espectro,
Luzia-lhe um cetro
De lume infernal.

Com fúria sombria,
Da vil tirania
Ao anjo acenou,
E o pronto ministro
Seu mando sinistro
Fiel aceitou;
E eis rápido logo
As armas de fogo
Medonhas tomou.

E enormes serpentes
Vermelhas, ardentes,
Soltou pelo chão;
Das férreas escamas
Saíam-lhe chamas
De torvo clarão;
Cada uma nos povos
Saltava em corcovos
D'horrenda visão.

Os povos, que as viam,
Debalde investiam
Seus giros mortais:
Cruéis labaredas
Abriam veredas
Às serpes fatais;
E a turba d'exangue
Caía do sangue
Nos rios caudais.

Mas nisto ligeiros

Os anjos guerreiros,
No ar inda então,
Baixaram luzentes,
Quais astros cadentes,
À térrea mansão;
E aos anjos malvados
Correram irados
Com voz de trovão.

E todos, alçadas
As ígneas espadas
Brandiam a par;
Cada uma semelha
Luzente centelha
Cruzando no ar;
Semelha no embate
A onda que bate
Na rocha do mar.

Seus olhos vibravam,
Seus gritos soavam
Em ecos d'horror;
As turbas rugiam,
As armas tiniam
Com novo rancor:
O carro da guerra
Rolava na terra
Com torvo fragor.

Até que um ribombo
Soou, como tombo
Ruidoso e fatal
De penha que d'alto
Desaba, e dum salto
Retumba no vale:
Era alto ruído
Do trono abatido
Do gênio do mal.

E logo infinitos
Ouvi ledos gritos,
E ouvi maldições;
E soltos aos ventos
Vi centos e centos

D'ovantes pendões;
Vi feitos pedaços
Algemas, e laços
E férreos grilhões.

Vi tronos caídos
Vi cetros partidos
Rolarem no pó;
Vi áureos emblemas,
Vi mil diademas
Calcados sem dó;
Vi povos diversos
Outrora dispersos,
Unidos num só.

**

Vi a terra já livre d'ansiedade
Rasgar altiva seu funéreo manto;
Vi os homens à voz da liberdade
Surgirem fortes do letal quebranto.

Vi-os, tecendo fraternais abraços,
Sem ódios, sem rancor, e sem vinganças
Estreitarem d'amor serenos laços,
Unidos em sublimes alianças.

E eu louvei o Senhor! já não reinava
O anjo do mal c'oa tirania fera:
Seu trono demolido semelhava
D'apagado vulcão torva cratera.

Coberto de mantos de pura safira
Que dia tão ledó brilhava sem véus!
A estrela formosa que aos homens surgira
Reinava em triunfo no campo dos céus.

Seu facho divino cercado de rosas
Vertia no mundo torrentes de luz,
E o mundo coberto de galas formosas
Saudava nesse astro do Gólgota a cruz.

Dos vales, dos montes, da terra, e dos mares,
Saíam murmúrios de paz e d'amor,

Coa voz dos humanos soando nos ares
Em cantos infindos d'infundo louvor.

Batendo serenos as asas douradas,
Os anjos formosos pairavam no céu,
Qual nítido bando de pombas nevadas
Cruzando os espaços num dia sem véu.

Nem elmos agora, nem malhas luzentes
Cobriam dos anjos as formas gentis:
De branco trajados, seus véus inocentes
Ondeavam tremendo nas auras subtis.

Caíam-lhe soltos os longos cabelos
No colo, nos ombros d'alvura louçã,
Seus rostos ornando, mais puros, mais belos
Que a estrela argentina da rósea manhã.

Traziam pousadas nas cândidas frentes
Grinaldas singelas de casta cecém,
E as harpas ebúrneas tangiam cadentes,
C'roadas de rosas e lírios também.

Um coro celeste voando em cardumes
Seguia os arcanjos com doces canções;
E todos lançando na terra perfumes
Assim descantavam por sobre as nações;

O ARCANJO DO CRISTIANISMO

Salve, dia que meigo fulguras,
Despontando no mundo sem véu!
Salve, estrela d'amor e de venturas,
Que ressorges formosa no céu!

Pura e bela surgiras outrora,
Densa névoa cobria tua luz;
Pura e bela ressorges agora,
Vem reinar sobre os homens, ó cruz!

Vem remi-los da negra maldade,
Vem na face do mundo luzir;
Vem trazer-lhes a luz da verdade,

Que o Messias lançou no porvir!

Era um anjo das trevas maldito
Quem do mundo regia as nações;
Foi o Verbo, o Messias predito,
Que desceu a partir seus grilhões.

Novas crenças brotando dos lábios
Revelou em seu Pai um Deus só,
E, caladas as vozes dos sábios,
Falsos deuses caíram no pó.

Viu as gentes sepultas no crime,
E eis que armado d'augusta missão
Deu lições de virtude sublime,
D'innocência, d'amor e perdão.

Ensinou a brandura ao tirano
Ao soberbo dos justos a lei;
Ao avaro bradou: – sê humano!
E ao perverso e ao ímpio: – tremei!

Deu ao fraco palavras de vida,
Deu ao triste consolos na dor,
Deu a todos a esp'rança perdida
D'outro reino de paz e d'amor.

E cumprindo do mundo a sentença
No tormento da cruz expirou;
Mas com sangue dum Deus sua crença
Sobre a terra gravada ficou.

Do Calvário, librado nas penas,
A mil povos com ela voei;
Mil coroas teci d'açucenas,
Com que tantos martírios ornei.

Foi então... dá-me queixas, ó lira,
Dá-me notas de fundo pesar...
Cristo, ó Cristo, a calúnia, a mentira,
Ai! ousaram teu Verbo ultrajar.

Teus ministros, sem fé na verdade,
Renegaram da santa missão,

E entregaram a lei da igualdade
Aos tiranos, à voz da ambição.

Logo o facho sangrento da guerra
Acenderam com ímpio furor,
E em teu nome cobriram a terra
D'extermínio, de sangue e d'horror.

D'ouro e sangue mantendo seus vícios
Teus preceitos calcaram no pó;
E mil cenas de horrendos suplícios
Ostentaram ao mundo sem dó.

Então eu à celeste morada
D'entre os homens voando subi,
E a teus pés com a fronte curvada
Largas eras, ó Cristo, gemi.

Mas das trevas não pôde o combate
Apagar o teu astro de luz:
Aos cativos, sinal do resgate,
Ei-lo surge brilhante na cruz.

Povos, povos, secai vosso pranto!
Levantai-vos do leito da dor!
Terra, entoa de novo o teu canto,
Doce canto de paz e d'amor!

Da maldade, dos ódios, da guerra,
Para sempre o reinado morreu.
Paz aos homens na face da terra!
Glória a Deus nas alturas do céu!

CORO DOS ANJOS

Hosana! hosana! sinal de vitória,
A cruz do resgate já brilha às nações:
Hosana! e se eleva nos cantos de glória
Dos anjos, dos homens, de mil gerações!

O ARCANJO DA LIBERDADE

Bem-vindo sejas, bonançoso dia,
Que ao mundo trazes a perdida luz!
Bem-vindo sejas! teu fulgor lhe envia
No facho eterno que as nações conduz!

Assim de galas e esplendor vestida
À voz do Eterno a criação rompeu;
E a liberdade se ligou à vida,
No mar, na terra, na amplidão do céu.

– Vivei, sois livres, caminhai avante! –
O Eterno disse, e me entregou a lei:
Seu dedo a terra me apontou distante,
E eu das alturas com prazer baixei.

E a lei dos mundos vim gravar na selva,
No leão das brenhas, e no açor do ar,
No cedro altivo, na modesta relva,
Nas bravas ondas do revoltado mar.

No ser humano, d'entre os mais aceito,
Gravei mais fundo o universal condão,
E d'entre as asas lhe verti no peito
Viva centelha d'imortal clarão.

Então, qual fumo d'abrasado incenso,
Voou da terra festival louvor;
E a natureza no seu giro imenso,
Pulsou de vida, liberdade e amor.

Mas ai! que o homem de seus dons celestes
No altar dos vícios holocausto fez:
Rasgou impuro da inocência as vestes,
Calcou tirano seus irmãos aos pés.

Tomando o ferro de cruel verdugo,
Fartou com sangue mil cruéis paixões;
Impôs ao fraco seu tirano jugo,
E o fraco às plantas lhe arrastou grilhões.

Então a terra suspendeu seus hinos,
A luz do dia se turvou no céu,
E esta harpa triste, nos umbrais divinos,
Aos pés do Eterno desde então gemeu.

De negras sombras se toldara o mundo,
Mas eis que os tempos eram findos já;
Eis que uma estrela de fulgor jucundo,
Sorrindo à terra, alumiou Judá.

Em vão; só hoje triunfar devia
Esse astro imenso de serena luz:
Eis surge, eis surge do resgate o dia,
Brilhando aos homens sobre a eterna cruz.

Povos, sois livres, enxugai o pranto!
Do leito amargo do penar surgir!
Terra, modula teu festivo canto,
Que o novo dia já reluz em ti!

Dum Deus o sangue resgatou a afronta:
Quebrai a taça da agonia e dor!
Novo porvir às gerações desponta
De liberdade, de ventura e amor.

Eterna glória ao que desceu à terra!
Eterna glória do universo ao Rei!
Que o fraco exalta, que o soberbo aterra,
Que impõe aos orbes e às nações a lei!

CORO DOS ANJOS

Hosana! hosana! seu nome infinito
Refulge de glória, qual astro seu véu,
Na luz da verdade, no Verbo predito,
No mar, nos abismos, na terra, e no céu!

*

E subindo através do espaço imenso
O coro – hosana, hosana – repetia
Entre nuvens d'azul, d'ouro, e d'incenso,
E entre notas d'angélica harmonia.

Entanto eu com a face unida à terra
Do novo dia o resplendor saudava,
E sobre o campo da passada guerra

Ao Senhor dos exércitos orava.

AO PORTO

Doce pátria que amo tanto,
Onde a luz primeira vi,
Erga-se hoje a ti meu canto,
Pois que em teu seio nasci.
Foi a tua heroicidade
Quem me inspirou, ó cidade:
– Atleta da liberdade,
Voem meus versos a ti!

Pelo clarim das batalhas
Vou modular a canção...
Dizem guerra essas muralhas
Que cingem teu morrião:
A teus pés di-lo o rugido
Desse Douro embravecido,
Entre penhas escondido
Rugindo como o leão.

Guerreiro e livre, uma serra,
Quiseste pra te encostar;
A águia não quer a terra,
Quer as penhas, quer o ar:
Do oceano junto às plagas
Quiseste um leito de fragas,
Donde além visses as vagas
Correndo livres no mar...

Que insofrido como as ondas
A natureza te fez;
A pátria d'Epaminondas
Foi menos livre talvez...
Erga-se o véu do passado:
Em combates empenhado,
Sempre lá te vejo ousado
Campear com altivez.

Mas a glória do presente
Foi maior que essa d'então;
Hoje abriu-se ao combatente

Doutra arena a vastidão;
Que se à pátria inda n'aurora,
Tinhas dado o nome outrora,
C'oa lança a remiste agora
Dos ferros da escravidão.

Jazia a triste arquejante,
Ninguém dela tinha dó...
O seu rei fora distante;
Seu rei a deixará só...
Mas tu calaste a viseira,
Tu bradaste, e a Europa inteira
Viu à tua voz guerreira
Portugal surgir do pó.

Que valeu? – correram anos...
Jaz aos pés calcada a lei;
Pesa o jugo dos tiranos
No colo da pobre grei...
Que negro porvir tão triste!
Liberdade, sucumbiste...
Mas o forte ainda existe;
Ei-lo que se ergue – tremei!

Lá não tendes vis escravos
Que saibam rojar grilhões:
Os ferros daqueles bravos
São espadas e canhões...
Pararam na marcha sua?
Também a vaga recua,
Mas depois à praia nua
Arroja cem galeões.

Pararam... porque o martírio
É preciso inda afrontar,
Que das crenças o alvo lírio
Do sangue deve brotar.
Pararam... agora, avante!
Surja o cutelo brilhante,
Que o mártir estende ovante
O colo sem vacilar...

Raiou o dia do pranto,
Ó nova Jerusalém...

Não vês trajar negro manto
A liberdade também?...
Não vês... não vês decepadas
Cabeças ensanguentadas,
Palpitando desgrenhadas
Nos postes aqui e além?...

Mas não tarda do desterro
Quem há de o mártir vingar:
Dos livres já brilha o ferro
Por entre as ondas do mar.
Enxuga teu pranto ardente,
Que nas vagas do ocidente
Já do exército valente
Descubro as naus a alvejar.

Ei-los correndo a teus braços
Muros adentro já são;
Das masmorras em pedaços
Estala o férreo portão.
Ei-los à praça chegados...
Os cadafalsos alçados
Por mil ombros derrubados
Caem prostrados no chão.

No regaço da cidade
Que espetáculo não vai!
Do longo exílio a saudade
Em beijos d'amor se esvai.
Findara a ausência amargosa,
Tudo sorri, tudo goza,
O esposo abraça a esposa,
Abraça o filho seu pai.

Foi prazer dum só momento,
Prazer que aos contrários dói...
Eis corre um bando sedento
De ver se o Porto destrói.
Mas não treme o sitiado;
Guerra! guerra! – eis o seu brado,
Cada livre é um soldado,
Cada soldado um herói.

Rufa o tambor a rebate

Retreme a voz do clarim...
Eia, ó livres, ao combate
Que hoje é dia de festim.
Querem morte? – reine a morte!
Que importam filhos, consorte?
Triunfar é vosso norte,
Heis de alcançá-lo por fim.

Por entre a fuzilaria
Restruge a voz do canhão;
O fogo da artilharia
Faz do reduto um vulcão.
Vós que tentais no estrago
Sumir a nova Cartago,
Vinde de sangue num lago
Rojas as fúrias em vão!

E tu, soldado atrevido,
Vencedor da forte Argel,
À tirania vendido,
À liberdade rebel,
Contra os muros da cercada,
Ergueste feroz a espada;
Procura-a no chão quebrada
Onde jaz com teu laurel...

Ó cidade, nos teus valos
Quantos viste o pó morder,
E sob os pés dos cavalos
Seus tiranos maldizer!..
Debalde as hostes escravas
Bramiam quais ondas bravas,
Tu sorrindo as afrontavas
Qual rochedo, sem tremer.

Debalde vinha a granada
Teu seio despedaçar,
Cada pedra ensanguentada
Era à glória um novo altar.
A fome, a pálida fome
Tuas entranhas consome,
Mas q'rias d'invicta o nome
Tudo soubeste afrontar.

Té que afinal a vitória
Teu estandarte empunhou,
E o caminho para a glória
Aos teus livres apontou...
Eram águias altaneiras
Voando, suas bandeiras;
Ante essas hostes guerreiras
Tudo o joelho curvou,

Largo tempo era passado
E num leito de broquéis
Descansavas reclinado
À sombra dos teus lauréis...
Mas eis no Tejo distante
A liberdade arquejante...
Ergue-te, ergue-te, ó gigante,
Com teus soldados fiéis.

Cingiu as suas muralhas...
Vinde deitar-lhe grilhões
Ao colosso das batalhas
Eriçado de canhões.
Glória à tua valentia,
Escolho da tirania,
Para conter-te a ousadia
Mal bastaram três nações.

Cederas... por toda a parte
No meio de sangue e horror,
Cai dos livres o estandarte
“s plantas do vencedor...
Que vista! – o herói de Novara
Que a pátria n'alma abrigara
Hoje busca, e não depara
Um abrigo à sua dor...

Vem, altivo e nobre cedro
Derribado sobre o chão,
Junto ao coração de Pedro
Asilar teu coração...
Nesses muros inda o brado
Se escuta do rei soldado;
Vem ouvi-lo, ó malfadado,
Do desterro na soidão...

Veio... mas enfim à morte
O herói ali cedeu...
Ali nas cinzas do forte
Um povo carpiu, gemeu...
Eras escrava, ó cidade;
Foi teu pranto de saudade
Um hino que à liberdade
Dentre as algemas se ergueu.

Eras escravo, ó guerreiro
Surgirás inda outra vez?
Nos ferros do cativo
Acabaremos? – talvez!...
Oh! mas não! – se a forte lança
Inda ao lado lhe descansa
Tiranos, vossa esperança
Jaz para sempre a seus pés.

Dizei que somos escravos.
Que hemos de ter perros vis:
Nesses muros inda há bravos
Para bradar-vos – mentis!
Inda existes, ó gigante,
Sempre indômito e possante,
Para calcar triunfante
Grilhões e jugos servis...

Se aos golpes da tirania
Vires tremer Portugal,
À sua voz d'agonia
Surge outra vez colossal!
Do teu peito dá-lhe o abrigo,
Defende-o, salva-o contigo,
Ou no pó do seu jazigo
Dorme o teu sono final.

VERSÕES DE H. HAINE

I

Quero enterrar os meus cantos,
Os meus sonhos de tristeza;
Ide buscar-me um esquite,

Mas d'espantosa grandeza;

Um esquife em que se guarde
O que em muitos não se albergue,
Que seja mais largo ainda
Do que o tonel de Heidelberg.

Que seja de tábuas firmes
E duma extensão imensa;
De mais comprimento ainda
Do que a ponte de Mayença.

E venham doze gigantes
Que façam julgar pequeno
O vulto de São Cristóvão
De Colônia, sobre o Reno.

Pois têm de levar o esquife
Ao mar que a terra nos banha;
Um caixão de tal grandeza
Pede uma cova tamanha.

Sabeis para que preciso
Esquife de tal largura?
Para encerrar dentro dele
Meu amor e desventura.

II

Quando ao sepulcro desceres
Eu contigo descerei;
E ao meu peito hei de apertar-te
Ó tu a quem tanto amei.

Hei de apertar-te em meus braços,
Muda, fria e já sem cor,
Estremecer, invocar-te
E depois morrer d'amor.

À meia-noite os espectros
Para as danças surgirão:
Nós ficaremos unidos
Sem quebrar nossa união.

No dia do julgamento
A trombeta há de soar;
Mas nós para sempre unidos
Nada havemos d'escutar.

III

Se as florinhas da campina
Soubessem o meu penar,
Em minha chaga verteram
Seu bálsamo salutar.
Se os rouxinóis do arvoredo
Conhecessem minha dor,
Cantavam por distrair-me
Suas cantigas d'amor.
Se ao longe, as estrelas d'ouro
Notassem minha aflição,
O firmamento deixaram
Por dar-me consolação.
Mas nada sabem as flores,
Aves, nem astros do céu;
Ela só conhece tudo,
Aquela que me perdeu.

VERSÕES D'OSSIAN

AO SOL

(Fragmento do poema de "Carthon")

Ó tu que rolas nesse campo etéreo,
Semelhante ao broquel dos meus passados,
Donde vêm os teus raios, sol brilhante?
Donde recebes tua luz eterna?
Tu despontas solene e majestoso;
As estrelas se escondem quando passas,
A lua fria e pálida mergulha
Nas vagas do ocidente; e tu caminhas
Solitário nos céus. Quem na carreira
Te pode acompanhar? Os altos robles
Baqueiam das montanhas, e elas mesmas
Sob o peso dos anos se arruínam;
O oceano ora se eleva, ora se abaixa;
A própria lua na amplidão fenece:
Só tu caminhas sempre, e sempre o mesmo,
E de tanto fulgor te vanglorias!

Quando a borrasca entenebrece o mundo,
Quando rolam trovões, e adeja o raio,
Tu olhas dentre as nuvens sobranceiro,
E sorris da tormenta! Mas de balde
Olhando Ossian procuras, que os teus raios
Ossian não mais verá, quer teus cabelos
Em nuvens orientais flamejem soltos,
Quer descendo os espaços estremeças
Às portas do ocidente. Sol, um dia
Talvez como eu serás; talvez, quem sabe?
Dos anos teus acabarás o giro,
E insensível à voz da madrugada,
Em tuas nuvens ficarás dormindo.
Mas folga, folga entanto majestoso
No verdor de teus anos: a velhice
É solitária e triste; é semelhante
Ao clarão melancólico da lua
Quando brilha entre nuvens, quando o norte
Revoa na planície, e o caminhante
Pára convulso e de pavor transido.

COLMA

(Fragmento dos cantos de Selma)

Era em Selma e nas festas. Começava
Dos bardos o cantar: eis se adianta
D'olhos fitos no chão, banhada em pranto,
A doce, a amável Minona. Os cabelos
Lhe ondeavam soltos ao soprar da brisa
Que vinha das montanhas.
As almas dos heróis se enterneceram
Mal que as primeiras notas
De seu canto dulcíssimo soaram.
Muitas vezes o túmulo de Sálgar,
E o túmulo de Colma tinham visto,
Da triste Colma abandonada às queixas,
Na colina deserta. Um dia Sálgar
Prometera de vir e não viera:
Em torno dela já descia a noite:
Ouvi da triste Colma
A queixa solitária:

“É noite! sozinha no monte elevado

“Dos ventos ruidosos escuto o bramir...
“Sombria a torrente sussurra a meu lado...
“Em triste abandono me é doce carpir.
“Descobre-te, ó lua, refulge brilhante!
“Estrelas formosas, mostrai-vos também!
“Guiai os meus passos ao sítio distante,
“Onde ora cansado repousa o meu bem!

“Ó Sálgar, ó chefe dos montes valente,
“Quebraste a promessa que em balde te ouvi...
“D tronco, os rochedos, a voz da torrente
“São estes, ó Sálgar, mas faltas aqui...
“Deixei por seguir-te na dor abismados
“O irmão que estremeço, meu pai que olvidei:
“São velhos os ódios dos nossos passados,
“Mas eu, ó meu Sálgar, jamais te odiei.

“A lua calada fulgura na selva,
“Nas águas, nas rochas, com doce clarão...
“Quem jaz em distância dormindo na selva
“És tu, ó meu Sálgar? és tu, meu irmão?
“Falai, meus amigos: imóveis, deitados,
“Porque inda em silêncio me não respondeis?
“Ai mortos! ai mortos! em sangue banhados!
“E tintos de sangue seus ferros cruéis!

“Mataste, ó meu Sálgar, o irmão de minha alma!
“E tu, doce amigo, tu jazes também!
“Perdi-vos; só resta chorar-vos sem calma...
“Como eu vos amava não ama ninguém.
“Tu eras formoso nas tuas colinas:
“Ele era terrível das lutas no ardor.
“Quem vossas espadas guiou assassinas?
“Quem pôde inspirar-vos da morte o furor?

“Mas, ai! já não ouvem meus longos gemidos...
“Na terra gelada gelados estão...
“Falai dentre as nuvens, fantasmas queridos,
“Que as vossas palavras medonhas não são!
“No monte sombrio que além se divisa,
“Dizei-me a caverna que triste habitais!...
“Calados! calados! nem sopro da brisa,
“Nem voz de tormenta me traz os seus ais!

“Sentada no monte, c’os olhos absortos,
“Espero chorando do dia o raiar.
“Erguei-lhes as tumbas, amigos dos mortos,
“E nelas a Colma guardai um lugar!
“Passou de meus dias o sonho tão ledo,
“Passou para sempre! não mais viverei...
“Ao pé da torrente que banha o rochedo,
“Oh! dai-me o repouso daqueles que amei!

“De noite, na serra batida dos ventos,
“Meu triste fantasma de pé surgirá;
“E ao som da rajada soltando lamentos,
“No meio das nuvens gemendo errará.
“Ao longe o viandante nos bosques perdido
“Ouvindo-lhe as queixas terá compaixão;
“As queixas, o pranto de Colma sentido
“Chorando os amigos que mortos já são.”

Tal foi, tal foi, ó Minona, o teu canto,
Doce filha de Tórman. Tristes eram
Nossas almas por Colma, e em nossas faces
Deslizavam as lágrimas em fio.

FINGAL

(CANTO PRIMEIRO)

Assentado de Tura junto aos muros
Estava Cuthullin, perto do tronco
De folhas rumorosas. Tinha a lança
Encostada ao rochedo, e aos pés o escudo.
No poderoso Cárbar meditava,
Nesse herói que vencera: eis lhe aparece
Nóran, filho de Fithil, sentinela
Do proceloso oceano. “Ergue-te”, disse,
“Ergue-te, ó Cuthullin! Eu vi ao largo
“Os navios do norte. Numerosos
“Os inimigos são; muitos os bravos
“Do potente Swáran.”
“Sempre tremes,
“Sempre, ó filho de Fithil, lhe responde
“O belicoso chefe, e assim aumentas
“As forças do inimigo. Fingal era,
“Fingal, rei dos desertos, que o socorro

“Traz a Erin dos ribeiros.”
“Vi seu chefe,
“Replica Móran, qual rochedo avulta!
“Como um pinho sem rama é sua lança!
“Como a lua nascente o seu escudo!
“Assentado na praia semelhava
“Nuvem que pousa no calado serro!
“– Muitos, ó rei dos heróis, muitos, lhe disse,
“Nossos guerreiros são. Chamam-te o forte,
“Mas os fortes em guerra não têm conta
“Junto às muralhas da nublosa Tura. –
“Com estrondoso acento semelhante
“Ao da vaga na rocha, ele me brada:
“– Resistir-me quem ousa? os mais valentes
“Aos meus golpes sucumbem. Só pudera
“Fingal, o rei de Selma, ele somente,
“Meu ímpeto arrostar. Já combatemos
“Uma vez em Malmor. Com nossas plantas
“Volvíamos a terra; as duras rochas
“Despegadas caíam; as torrentes
“Recuavam de susto murmurando.
“Três dias combatemos; os guerreiros
“Nos olhavam ao longe e estremeciam.
“Diz Fingal que cedi, que o rei do oceano
“Caiu por terra ao quarto: o rei do oceano
“Resistiu sempre firme! Ceda-lhe hoje
“O torvo Cuthullin! ceda ao que é forte
“Como as tormentas de seu pátrio berço! –
“Oh! não, lhe torna o chefe, a nenhum homem
“Cuthullin cederá, mas há de em campo
“Triunfar ou morrer! Toma esta lança:
“Parte, ó filho de Fithil, vai com ela
“Bater de Semo no sonoro escudo!
“De Tura à porta vê-lo-ás suspenso.
“Sua voz estridente é voz de guerra:
“Hão de ouvi-la os heróis e obedecer-me.”

Partiu. Bateu no escudo. Espavorida
Tremeu na selva a corça; em torno os montes,
Os côncavos rochedos retumbaram.
Dos íngremes penhascos saltam logo
Curach, e Cónnal de sanguínea lança.
Bate de Crúgal o ansioso peito;
O filho de Favi deixa a caçada;

“É o escudo de guerra?” brada Rónnar;
“De Cuthullin a lança!” brada Lúgar,
Empunha, ó Calmar, a soante espada!
Ergue-te, ó Puno, temeroso chefe!
Deixa, ó Caírbar, o ramoso Cromla!
Eth, aproxima-te; à planície desce
Das torrentes de Lena! Os alvos peitos
Mostra, ó Cathol, atravessando o plaino
Sussurrante de Mora; os peitos alvos
Como as espumas que arremessa a vaga
Aos rochedos de Cúthon!

Eis os chefes!

Ei-los soberbos dos antigos feitos!
Inflamados recordam as proezas,
As glórias do passado. Os olhos torvos
Chamejantes revolvem, procurando
Inimigos da pátria. As mãos valentes
Descansam nas espadas. Cada vulto
Lampeja armado de brunido ferro.
Brilhantes são os chefes da batalha
Coas armas de seus pais! Sombrios, torvos
Os seguem seus heróis, como a caterva
De pluviosas nuvens segue os ígneos
Meteoros do céu. Por todo o campo
Ressoa o estrondo d'armas, e d'envolta
Os uivos dos mastins; de quando em quando
Rompem cantos de guerra, e o alarido
Se repercute no fragoso Cromla.
Sobre o plaino de Lena estão postados,
Como a névoa do outono sobre o outeiro.
A movediça névoa tenebrosa
Que aos céus levanta a retalhada frente.

“Filhos dos vales, Cuthullin exclama,
“Caçadores do gamo, eu vos saúdo!
“Uma nova caçada nos convida:
“O inimigo se adianta como as vagas
“Que se arrojam sombrias sobre a costa.
“Combateremos nós, filhos da guerra,
“Ou cederemos nossa Frin viçosa
“Aos filhos de Lochlin? Responde, ó Cónnal,
“Tu primeiro entre os homens, tu que partes
“Os escudos na guerra! Já mais vezes
“Com Lochlin pelejaste: empunhar queres

“A lança de teu pai?”
“De há muito sabes,
“O chefe lhe responde, se nas guerras
“Minha lança fulgura. Seu deleite
“É ferir nos combates, é banhar-se
“No sangue d'inimigos. Mas se o braço
“Arde por combater, sereno o peito
“É pela paz d'Erin. Ó tu na guerra
“De Curmac o primeiro, observa ao longe
“A frota de Swáran. São mais densos
“Os seus mastros na costa do que os juncos
“Na lagoa de Lego. Os seus navios
“São florestas nublosas, cujos troncos
“Cedem a espaços ao soprar do vento.
“Os seus chefes guerreiros não têm conta.
“Cónnal é pela paz. O próprio Fingal
“Que dormes junto à rocha! Eis-te caída
“Evitara a peleja, ele que sabe
“Dispensar os heróis como dispersa
“O vento os sons de Colna quando a noite
“Carregada de nuvens cobre o outeiro.”

“Ah! fuge, homem de paz, fuge! lhe brada
“Cálmar filho de Matha. Vai, regressa
“Aos teus montes calados, onde a lança
“Jamais brilha na guerra! Vai, acoisa
“O veado do Cromla com teus dardos
“Fere a corça de Lena! Tu, entanto,
“Tu, ó filho de Semo, desta guerra,
“Ó árbitro supremo, abate o orgulho
“Dos filhos de Lochlin! Suas fileiras
“Rompe atrevido! Que nenhum navio
“Das regiões da neve ouse de novo
“Galgar as ondas d'Inistor sombrias!
“Negros ventos d'Erin, rugi! Erguei-vos,
“Ó turbilhões de Lara! Que entre as nuvens
“Me espedacem as iras dos fantasmas
“Se há prazer para Cálmar como a guerra!

“Quando, ó filho de Matha, lhe responde
“Cónnal com lenta voz, quando me viste
“Aos combates fugir? Embora obscuro
“Seja o nome de Cónnal, sempre à guerra
“Cos amigos corri, sempre dos fortes

“O triunfo ajudei. Mas a ti falo,
“A ti, filho de Semo, e tu me escuta.
“A metade das terras e presentes
“Dá em troca da paz, até que Fingal
“Aporte às nossas praias. Mas se a guerra
“Desejas antes, minha lança e espada
“Erguerei satisfeito! os inimigos
“Correrei a afrontar! e como sempre
“Brilhará o meu ânimo na luta!”

“Eu, tornou Cuthullin, amo o som d'armas
“Como a voz do trovão acompanhado
“Dos chuvaeiros do estio. Vossas tribos
“Ide pois ajuntar, para que eu possa
“Ver os filhos da guerra. Que eles passem
“Brilhantes como o sol antes que o vento
“Acumulando as nuvens remurmure
“Nos carvalhos de Mórven. Mas que é feito
“Dos amigos que eu tinha? Onde os que ajudam
“Meu braço nos perigos? Onde páras,
“Ó Cathba d'alvo peito? Onde te escondes,
“Nuvem da guerra, varonil Duchómar?
“Tu, Fergus, onde estás? Porque me deixas
“No dia da tormenta? Ei-lo que chega!
“Fergus, filho de Rossa, tu primeiro
“No prazer dos festins, braço da morte,
“Vens de Malmor acaso? vens correndo
“De tuas serras como leve gamo?
“Salve, filho de Rossa! que tristeza
“Assombra a alma da guerra?
“Quatro pedras,
“Responde o chefe, a sepultura cobrem
“Do valoroso Cathba; e já na terra
“Dorme também o varonil Duchómar.
“Tu eras para Erin, eras, ó Cathba,
“Como um raio do sol! e tu, Duchómar
“Como a névoa do Lane, que no outono
“Rola sobre a planície, e leva a morte
“A viventes sem conta! ó Morna, ó bela
“Entre as mais belas, sossegado é o sono
“Que dormes junto à rocha! Eis-te caída
“Entre as sombras da morte, como a estrela
“Que se esvai no deserto, e o caminhante
“Deixa saudosos de seu raio esquivo.”

“Ah! conta-nos, lhe diz de Semo o filho
“Conta-nos, Fergus, como foram mortos
“Os guerreiros d'Erin. Caíram ambos
“Em combate de heróis? Diz-nos, Fergus,
“Porque é que a terra nos esconde os fortes?”

“Cathba, lhe torna o chefe, caiu morto
“Aos golpes de Duchómar: caiu junto
“Do roble das torrentes. Exultando
“O fero vencedor foi ter com Morna
“À caverna de Tura. – Amável filha
“Do valente Cormac, ele lhe disse,
“Porque saudosa no fragoso serro,
“Na caverna da rocha venho achar-te?
“O ribeiro murmura; a árvore anosa
“Geme ao sopro do vento; o lago é turvo;
“Negras as nuvens que no céu revoam!
“Mas tu és como a neve da planície:
“Como o vapor do Cromla é teu cabelo.
“Como o vapor do Cromla quando brilha
“Aos raios do poente! São teus peitos
“Como os lisos rochedos que se avistam
“De Branno dos Ribeiros; são teus braços
“Como as alvas colunas espalhadas
“Pelas salas de Fingal!
“– Onde, inquieta
“Lhe diz a virgem de formosas tranças,
“Onde vens, ó Duchómar, tu dos homens
“O mais torvo e sombrio? Carregado
“Trazes o rosto, e ensanguentada a vista.
“Descobriu-se o inimigo! Que notícias
“Trazes tu lá do mar? –
“– É da montanha
“Que eu venho, ele responde; da montanha
“Dos escuros veados. Três caíram
“Traspassados por mim; três foram mortos
“Por meus ágeis lebréus. Um deles tinha
“Majestosa a cabeça, e os pés movia
“Ligeiros como o vento. Amo-te, ó bela!
“Para ti o matei; não mo rejeites! –
“– Ah! foge, homem sinistro! ela lhe torna.
“Carregado e terrível tens o rosto,
“E duro o peito como rocha dura!
“Tu, ó filho de Tórman, tu, ó Cathba,

“És meu único amor! és a meus olhos
 “Como um raio de sol em tempestade!
 “Oh! diz-me se o viste, o jovem belo
 “Na serra dos seus gamos, pois há muito
 “Que neste sítio o espero! –”
 “– E largo tempo
 “O esperaras, ó Morna, ele responde!
 “Olha esta espada nua: aqui o sangue
 “De Cathba inda escorre. Caiu junto
 “Da torrente do Branno: sobre o Cromla
 “Lhe erguerei o sepulcro. Volta os olhos,
 “Volta-os para Duchómar: é seu braço
 “Forte como a tormenta. –”
 “– Morto, exclama
 “Em desespero a angustiada virgem,
 “Morto o filho de Tórman! nos seus montes
 “Extinto o jovem de nevado peito!
 “O primeiro em caçadas, e inimigo
 “Dos guerreiros do Oceano! Eu te detesto,
 “Ó Euchómar cruel! Dá-me essa espada!
 “Nesse bárbaro ferro quero ao menos
 “Ver o sangue de Cathba! – “
 “– Ele movido
 “De suas queixas, lhe confia a espada,
 “E ela no peito varonil lha embebe.
 “Bem como se despenha a ribanceira
 “Da torrente da serra, ele baqueia.
 “Na agonia mortal estende à virgem
 “A mão convulsa, e diz: Por ti fui morto
 “No verdor de meus anos. Sinto a espada
 “Fria, ai, fria no peito! Meu cadáver
 “Entrega à bela Moina: Eu era o sonho
 “Das noites dessa virgem. Compassiva
 “Meu sepulcro há de erguer; e há de o meu nome
 “Cantar o caçador. Mas vem do peito,
 “Oh! vem tirar-me este gelado ferro! –
 “De lágrimas banhada acode a virgem,
 “O agudo ferro extrai e ei-la que a furto
 “O cristalino seio lhe atravessa.
 “Vacilando ela cai: o sangue em ondas
 “Lhe tinge os braços níveos, a madeixa
 “Desgrenhada lhe roja, e na caverna
 “Seus extremos gemidos escoaram.”
 “Paz, disse Cuthullin, paz e descanso

“Às almas dos heróis! Sublimes foram
“Seus feitos de valor! Que eles me cerquem
“Pairando sobre as nuvens! que eu lhes veja
“As guerreiras figuras! Então forte
“Nos perigos serei; será meu braço
“Como o fogo do céu! E tu, ó Morna,
“Sobre um raio da lua me aparece!
“Às horas do descanso quero ver-te
“Quando em paz estiver, quando cessarem
“Os tumultos da guerra. Mas as hostes
“Ordenai, meus amigos, e marchemos
“Para a guerra d'Erin! Tomai por norte
“Meu carro de batalha! extasiei-vos
“Ao rumor do seu curso! Eia, a meu lado
“Três lanças colocai! De meus cavalos
“O galope segui! Que eu possa afoito
“Com meus sócios contar quando esta espada
“Relampejar nas sombras da peleja!”

Como espúmea torrente que se arroja
Do tenebroso Cromla, quando rola
O trovão pelos céus, e a escura noite
Impera na montanha, quando os rostos
Dos lívidos fantasmas aparecem
Nas fendas da borrasca: assim furiosa,
Vasta, e medonha se arremessa a turba
Dos guerreiros d'Erin. Na frente avança
O valoroso chefe, semelhando
A baleia do oceano acompanhada
Do marulho das ondas, ou torrente
Que arrasta as águas através dos campos;
Aos filhos de Lochlin chega o ruído
Como o surdo rumor da tempestade:
No pesado broquel bate Swáran
Chamando o filho d'Arno. “Que sussurro,
“Lhe diz, é este que nos montes soa,
“Semelhante ao zumbido que levantam
“Os insetos da tarde? Acaso descem
“Os guerreiros d'Erin? Rugem acaso
“Os ventos na floresta? É assim que às vezes
“Eles soam no Gormal quando querem
“Das minhas vagas açoitar o dorso.
“Sobe já, filho d'Arno, sobe ao monte,
“E estende a vista pelo escuro plaino.”

Partiu. Em breve regressou tremendo.
 Em torno os olhos revolvía inquieto;
 O coração lhe palpitava ansioso;
 As palavras a custo proferia
 Cortadas, vagarosas. “Surge, disse,
 “Surge, ó filho do Oceano, altivo chefe
 “Dos escuros broquéis! Eu vi a negra
 “Caudalosa torrente da batalha!
 “As movediças forças numerosas
 “Dos guerreiros d'Erin! Já temeroso
 “Como a chama da morte se aproxima
 “De Cuthullin o belicoso carro!
 “Na parte posterior é recurvado
 “Como a vaga ante a rocha, ou como a névoa
 “Dourada pelo sol. São embutidos
 “De pedraria os lados, e resplendem
 “Como em torno da barca ondas noturnas.
 “É de polido teixo fabricado
 “O comprido timão; e o liso assento
 “D'osso branco e macio. Tem os bordos
 “Recheados de lanças, e no fundo
 “O degrau dos heróis. Diante do carro,
 “À destra parte, relinchando avulta
 “O d'amplas crinas, largos peitos, forte,
 “Agil, fero cavalo da montanha.
 “Estrondoso galopa; a crina esparsa
 “Pelo pescoço, os turbilhões imita
 “Do vapor que se estende pelas rochas.
 “de brancas espáduas, e chamado
 “Sulin-Siffada. Do outro lado, o esquerdo,
 “Resfolga ardente o d'elevado colo,
 “De raras crinas, duros pés, ligeiro
 “Filho da serra, saltador ginete.
 “Tem por nome Durósnnal entre os filhos
 “Da guerra procelosa. Os duros freios
 “Entre frocos d'espuma resplandecem.
 “Cheias de pedraria as finas rédeas
 “Batem no colo dos frisões soberbos,
 “Que ligeiros resvalam na planície
 “Como o vapor nos paludosos vales.
 “Seu rápido galope é como a fuga
 “Do trépido veado, e irresistível
 “Como a descida da águia sobre a presa.

“Dentro do carro se divisa armado
 “De rijas peças o valente chefe.
 “Chama-se Cuthullin, progênie ilustre
 “De Semo, rei das taças. Tem corado
 “O belo rosto como este arco liso
 “Sob as negras arcadas dos sobrolhos
 “As pupilas azuis amplas revolve.
 “Como uma chama lhe flutua a coma
 “Quando se inclina ao manejar a lança.
 “Ah! foge, rei do Oceano! Ele se adianta
 “Como vasta procela que rugindo
 “Corre ao longo do vale!”
 “Fugir? e quando
 “Fugir me viste? responde Swáran.
 “Quando medroso se esquivou meu braço
 “À batalha das lanças? Quando, ó chefe
 “D'alma pequena, recuei eu nunca
 “Em frente do perigo? Eu já do Górmal
 “Encarei as tormentas, quando as ondas
 “Espumavam raivosas; já das nuvens
 “Arrostei os combates: hei de agora
 “Ante um homem tremer? Oh não; nem Fingal
 “Me pudera assombrar. Eia, ao combate,
 “Ó valentes guerreiros! Rodeai-me,
 “Como túrbidas águas! Cercar vinde
 “De vosso rei o chamejante gládio!
 “A firmeza mostrai das nossas rochas,
 “Dessas montanhas que a tormenta encaram
 “E opõe ao vento os pinheirais sombrios!”

Como duas procelas que no outono
 Correndo opostas de diversos montes
 Se avizinham medonhas, assim torvos
 Uns contra os outros os heróis correram.
 Como duas torrentes que à planície
 D'altas rochas descendo as bravas ondas
 Encontram restrugindo, assim ruidosa,
 Fera, e terrível se encontrou a gente
 De Lochlin e Inisfail. Chefe com chefe,
 Homem com homem se travou em luta.
 O ferro bate no sonoro ferro;
 Abrem-se os capacetes; jorra o sangue;
 As cordas zumbem nos polidos arcos;
 Atravessando o espaço as frechas voam;

As lanças descem como a luz que doura
Os véus da noite em alongadas curvas.
Como o rumor do Oceano quando as vagas
Encapela raivoso, como o extremo
Rebramar do trovão, assim ressoa
O fragor do combate. Quando mesmo
Para a luta cantar ali viessem
De Cormac os cem bardos, ao estrago
Dos cem bardos a voz não bastaria,
Muitas foram as mortes, muito o sangue
De heróis valentes nesse chão vertido.

Chorai, filhos do canto, chorai morto
O nobre Sithallin! Que de Fiona
Os suspiros ressoem na planície
Do seu Ardan querido! Ambos caíram
Como dois gamos do deserto aos golpes
Do potente Swáran. Na refrega
Ele rugia dominando as hostes
Como o espírito fero da tormenta
Que entre as nuvens campeia, e olha em triunfo

O nauta que soçobra. Nem ocioso,
Chefe da ilha das neves, foi teu braço!
Muitos, ó Cuthullin, à morte deste!
Era o teu gládio como o fogo etéreo
Que incendeia as montanhas, e fulmina
Os íncolas do vale. Calcando os mortos
Relinchava Durósnnal; e no sangue
Galopava Siffada. Todo o campo
Destroçado deixavam, como as selvas
Ficam no Cromla quando passa o vento
Carregado d'espíritos da noite.

Sobre a rocha dos ventos chora aflita,
b virgem d'Inistor! Inclina às ondas
A formosa cabeça; tu mais bela
Que o espírito da serra quando às vezes
Do meio-dia sobre um raio desce
Ao silêncio de Mórven! Teu amigo,
O teu jovem amigo já não vive!
Pálido vacilou, caiu extinto
De Cuthullin sob a tremenda espada!
Nunca mais teu amor em valentia

“À grandeza dos reis há de elevar-se.
Trénar, o belo Trénar caiu morto,
ó virgem d'Inistor! Debalde o chamam
Seus cães uivando: no solar só vêem
Seu espectro vagar. Pende na sala
Desarmado o seu arco, e no aposento
Dos seus veados, o silêncio reina!

Como rolam mil vagas contra a rocha,
Tais arremetem de Lochlin as hostes.
Como o rochedo vagas mil afronta,
Tais lhe resistem as d'Erin seguras.
À pavorosa grita que ressoa
O tinido das armas se reúne.
É cada herói como um pilar de névoa;
Sua espada na destra é como um raio
De lado a lado todo o campo soa
Semelhando a fornalha onde retumbam
Na vermelha bigorna cem martelos.
Quem são esses que tétricos pelejam
Na campina de Lena? Quem são esses
Que duas nuvens na figura imitam,
Cujas espadas sem cessar lampejam?
Em derredor os montes espantados,
Os rochedos medrosos estremecem;
Quem são eles senão d'Erin o chefe,
Senão o filho do Oceano? Pelo campo
Coa vista inquieta os acompanham sempre
Seus guerreiros ansiosos. Mas a noite
Os envolve nas sombras, e crescendo
À batalha terrível põe remate.

Do emaranhado Cromla sobre a encosta
Depositara Dorglas o veado
Que ao romper da manhã fora colhido;
Estando ainda na montanha as hostes,
Eis ajuntam a lenha cem mancebos,
Dez guerreiros acendem a fogueira,
E trezentos escolhem lisas pedras:
O fumo do banquete sobe aos ares.
O poderoso espírito concentra
Cuthullin meditando; e recostado
À lança refulgente a voz dirige
Ao filho das canções encanecido,

A Cártil doutros tempos. “Devo acaso
“Do banquete gozar, e há de isolado
“Longe do gamo das montanhas suas,
“Longe das festas dos salões ruidosos,
“O chefe de Lochlin ficar na praia?
“Vai, ó Cártil anoso, vai levar-lhe
“Amigáveis palavras. Anuncia
“Ao que as ondas ruidosas nos trouxeram,
“Que vai dar Cuthullin o seu banquete.
“Venha ouvir o murmúrio dos meus bosques
“Pelas sombras da noite, pois gelado
“Sussurra o vento nas espúmeas vagas.
“Venha gozar os trémulos acentos
“Da harpa melodiosa; escutar venha
“O louvor dos heróis!”

Obedecendo

Parte o velho cantor, e em tom benigno
Dos escuros broquéis diz ao monarca:
“Acorda, ó rei das selvas, eia acorda!
“Dentre as peles da caça te levanta!
“Na alegria das taças, no banquete
“Do príncipe d'Erin vem tomar parte!”
Como o sinistro sussurrar do Cromla
Antes da tempestade, ele responde:
“Quando mesmo, Inisfail, as tuas virgens
“Me estendessem os braços cor de neve,
“E descobrindo os palpitantes seios
“Os amorosos olhos me lançassem,
“Firme neste lugar, como são firmes
“As rochas de Lochlin, ficara ainda!
“Neste lugar esperarei que o brilho
“Da matutina luz venha chamar-me
“De Cuthullin à morte. Eu amo o sopro
“Dos ventos de Lochlin! Eles cruzaram
“Os espaços do mar! Eles me falam
“No zumbir das enxárcias, e me trazem
“Minhas verdes florestas à lembrança;
“As florestas do Górmal, que eu ouvia
“Rugir ao seu bafejo, quando a lança
“Do javali na caça manejava.
“Oh! vai: que o torvo Cuthullin me ceda
“O trono de Cormac, ou em torrentes
“Correrá das montanhas à planície
“De seus guerreiros o espumoso sangue!”

“Funestos são, diz Cárril doutros tempos,
“Os ditos de Swáran!” –”Sim, funestos,
“Responde Cuthullin, lhe Hão de ser eles.
“Mas ergue a voz, ó Cárril, e reconta
“Os feitos do passado. Com teus cantos
“Nos abrevia a noite; em nós desperta
“O gozo da tristeza. Heróis infindos,
“E mil virgens amantes hão passado
“Na terra d'Inisfail. Doces ressoam
“Os cantos do infortúnio que se elevam
“Nas rochas d'Albion quando emudece
“O rumor da caçada, e às vozes d'Ossian
“Se casa o murmúrio das correntes.”

“No tempo que passou, começa o bardo,
“Os guerreiros de oceano a Erin vieram.
“Numerosos baixéis galgando as ondas
“Aportaram d'Erin às mansas praias.
“Os filhos d'Inisfail se levantaram
“Dos escuros broquéis sustando a raça.
“Militava no exército Caírbar,
“Dos homens o primeiro, e o jovem Grúdar,
“De garbosa figura. Desde muito
“Que entre si contendiam pela posse
“Do imaculado touro que mugia
“Na campina de Golbum; desde muito
“Que a morte viam nos agudos ferros.
“Contra os filhos do mar um tempo unidos
“Combateram a par, venceram juntos.
“Quem na montanha possuía a glória
“De Caírbar e Grúdar? Mas, oh pena!
“Porque mugia o imaculado touro
“Na campina de Golbum? Mal que o viram
“De novo a sanha lhes brotou nos peitos.

“Sobre as margens do Lúbar combateram:
“Grúdar caiu sem vida. Então Caírbar
“Caminhou para o vale, onde Brassolis,
“Sua irmã formosíssima, entoava
“O canto da tristeza. Ela narrava
“As façanhas de Grúdar, o mancebo
“De seu íntimo afeto; ela chorava
“Seus perigos no campo, e sua volta

“Esperava com ânsia. O branco seio
“Lhe transluzia sob as roupas leves
“Como a lua entre nuvens; e mais doce
“Era seu canto que os gemidos da harpa.
“Em seu bem adorado tinha a mente,
“E seus olhos gentis falavam dele.
“– Quando virás enfim? ela dizia;
“Quando virás, ó poderoso em guerra? –

“– Guarda, lhe diz o irmão, guarda, ó Brassolis,
“Este escudo sangrento: vai fixá-lo
“Da minha sala no elevado teto.
“É o escudo de Grúdar! – Mal que o ouve
“A donzela estremece, e a cor perdendo,
“Sem tino, ei-la que parte. Envolto em sangue
“Na planície de Cromla vê o amante,
“E junto dele, vacilando, expira.
“É este, Cuthullin, é este o sítio
“Em que repousam ambos! Estes cedros
“Lhes brotaram nas campas, e saudosos
“Do furor das tormentas os defendem.
“Formosa era Brassolis na planície!
“Elegante era Grúdar na montanha!
“Hão de os cantos dos bardos memorá-los
“E ao remoto porvir levar seus nomes!”

“Suave é tua voz, suave, ó Cárril,
“Diz o chefe d'Erin. São aprazíveis
“Os contos do passado, como o orvalho
“Da amena primavera quando brilha
“Pelos campos o sol e a nuvem leve
“Revoa nas colinas. Ao som da harpa
“Celebra o meu amor, a luz serena
“Da solitária estrela de Dunscaith.
“Canta a gentil Bragela, a terna Esposa
“Que saudosa deixei na ilha das névoas.
“Que fazes, doce amiga? acaso elevas
“Sobre a rocha escarpada a bela fronte,
“E meus navios descobrir procuras?
“O mar se agita ao longe: a branca espuma
“Por minhas velas tomarás acaso?
“Recolhe-te, que é noite, amor querido:
“Em teu cabelo o vendaval murmura.
“Aos meus paços festivos te recolhe,

“E pensa em outros dias. Aos teus braços
“Não poderei voltar sem que serene
“A tormenta da guerra. Fala, ó Cúnnal,
“Fala-me d'armas só: quero as saudades
“Do meu seio expulsar, quero esquecê-la.”
“– Dos guerreiros do oceano te acautela,
“Responde o lento Cónnal. Sem demora
“Manda escoltas noturnas que vigiem
“O campo do inimigo. Sou de voto,
“Ó Cuthullin, que a pelejar não vamos
“Sem que Fingal, dos homens o primeiro,
“Aporte às nossas praias, sem que brilhe
“Como os raios do sol em nossos campos.”

Sobre o escudo d'alarma bate o chefe,
E o noturno esquadrão se põe em marcha.
O restante do exército no campo
Ao serena da noite se adormece.
Dos derradeiros mortos os espectros
Divagavam em torno e flutuavam
Entre as nuvens sombrias. Longe, ao longe
– Por sobre a escura solidão do Lena
Funéreas vozes murmurar se ouviam.